

**diálogos** caderno de  
REVISTA ACADÊMICA

VOLUME 4 - ABRIL 2023

ISSN 2764-6319



 FACULDADE  
**famart**  
GRADUAÇÃO | PÓS-GRADUAÇÃO EAD

REVISTA ACADÊMICA CADERNO DE DIÁLOGOS  
Volume 04 - Número 01 - Abril/2023  
Periodicidade: Quadrimestral

*As opiniões emitidas em artigos ou notas assinadas são de responsabilidade dos respectivos autores.*

---

## **FACULDADE FAMART**

### **DIRETOR EXECUTIVO**

Wanderson Clayton Fontella Francisco

### **DIRETOR ADMINISTRATIVO**

Paulo Henrique da Silva Junior

### **ACADÊMICO**

Dara Cristina Fernandes Gonçalves  
Guilherme de Castro Martins de Carvalho  
Lucas Eustáquio de Paiva Silva  
Luciano Borges Muniz  
Mariane Freitas de Souza  
Paloma Damares de Miranda Silva  
Thaywane Karine Soares Pereira

### **TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO**

Rafael Mendes de Oliveira Durville

### **CONSULTORIA E PROJEÇÃO EM MARKETING**

Camila Aparecida Marques de Almeida  
Marcelo Henrique Guimarães

### **CONSELHO EDITORIAL**

Guilherme de Castro Martins de Carvalho  
Lucas Eustáquio de Paiva Silva  
Luciano Borges Muniz  
Mariane Freitas de Souza

### **ASSESSORIA EDITORIAL**

Dara Cristina Fernandes Gonçalves.  
Paloma Damares de Miranda Silva  
Thaywane Karine Soares Pereira

### **ASSESSORIA CIENTÍFICA**

Aracele Maria de Souza  
Karina Leão de Mello  
Lucas Eustáquio de Paiva Silva  
Luciano Borges Muniz  
Mailson Santos de Queiroz

## EDITORIAL

Publicado inspirado na Semana Da Educação da Faculdade Famart, no primeiro semestre de 2023, o presente editorial tem como intenção destacar sete trabalhos de conclusão que levantam a pauta da educação e de suas inúmeras esferas para um estudo aprofundado. Entre as produções citadas, é válido evidenciar que uma delas está focada em analisar e refletir sobre as concepções desenvolvidas pela Magda Soares - linguista, pesquisadora e educadora -, a qual se dedicou às teorias que abrangem o letramento e a alfabetização e deixou os seus pensamentos como um legado a ser seguido. As duas temáticas supracitadas se convergem no eixo educacional e esta edição pretende, sobretudo, homenagear uma das mais importantes pesquisadoras brasileiras que, com todo empenho social e científico, influenciou professores e outros estudiosos no campo da educação e da pedagogia.

O planejamento, a construção e a publicação da quarta edição da Revista Acadêmica Caderno de Diálogos é fruto do trabalho coletivo de todo o Setor Pedagógico da Faculdade Famart. Menção honrosa deve ser direcionada ao nosso Diretor Acadêmico, Prof. Dr. Lucas Eustáquio de Paiva Silva, membro do Conselho Editorial da revista e peça chave para todo o funcionamento dela. Além disso, é importante evidenciar e agradecer o trabalho e cuidado do supervisor Guilherme de Castro Martins de Carvalho não só para que a Revista pudesse ser lançada com a devida qualidade e êxito, como também para que todo o processo fosse executado com todo o suporte exigido. Por fim, é imprescindível destacar as colaboradoras Thaywane Karine Soares Pereira, Paloma Damares de Miranda Silva e Dara Cristina Fernandes Gonçalves, membros do Acadêmico da Faculdade e companheiras essenciais na captação e análise de trabalhos para a publicação. O nome da revista, Caderno de Diálogos, visa proporcionar reflexões e abordagens de trabalhos relevantes e que busquem o diálogo entre diferentes temáticas, além do debate de questões pertinentes às áreas e o estímulo para a troca de conhecimentos entre pesquisadores, por meio do incentivo e divulgação do saber produzido por eles. A filosofia de trabalho da instituição Faculdade Famart está em consonância com a ideia de transformação e de evolução do conhecimento, da pesquisa, da curiosidade e da inquietação, elementos fundamentais para a existência de atividades educacionais de nível superior.

A partir da perspectiva exposta acima, o artigo científico da aluna Pollyanna Tayrine Sampaio Felisberto estreia a edição da Revista Acadêmica com uma produção que expõe a definição da autora Magda Soares acerca do processo de alfabetização e letramento na criança. Seu trabalho tem como objetivo auxiliar o profissional que lidará com a alfabetização e com letramento, e busca compreender como ele deve agir antes, durante e após o processo de aquisição das capacidades de leitura e escrita da criança.

A aluna Joana D'arc Soares Silva evidencia a violência dentro das escolas brasileiras, com ênfase nos casos que ocorrem dos discentes contra docentes, e o porquê esses têm aumentado consideravelmente ao longo dos anos. Além disso, a pesquisa também investiga de que forma a prática pedagógica pode auxiliar no combate às violências sofridas por professores e como ela pode ser adequada para esses assuntos dentro de sala.

Na sequência, o aluno Andrei dos Reis Almeida destaca em seu artigo científico quais são os principais fatores que influenciam a prática de alfabetização e letramento. Para que esse processo ocorra com excelência, é revelada a importância da utilização de ferramentas específicas, como a didática e a psicologia, para o desenvolvimento da inteligência e da integração dos alunos pertencentes a educação básica.

Apontando a música como um elemento que ocupa um lugar relevante na vida de todos os seres humanos e determinando a relevância desse recurso durante o processo de ensino e aprendizagem da educação infantil, a discente Marina Aparecida Guimarães Faria expõe as inúmeras oportunidades oferecidas pela música para que a criança consiga aperfeiçoar suas habilidades motoras, cognitivas e sociais.

Edivânia do Carmo Ramos Oliveira, por sua vez, analisa a situação da educação na primeira infância (de 0 a 6 anos) no Brasil pós-pandemia Covid-19, e reflete acerca dos desafios da alfabetização e letramento. Ela evidencia os principais problemas enfrentados na retomada do ensino presencial, como a readaptação dos agentes escolares, a necessidade de redefinir e reafirmar as competências essenciais dessa fase escolar e apresenta o que pode se esperar dos alunos e dos professores nesse cenário. Com sua produção, ela promove o debate sobre alfabetização e letramento buscando intervenções em prol de uma educação curativa.

Dando continuidade, Rafaela de Araújo Paixão discute a importância das plataformas digitais e da tecnologia para o processo de aprendizagem do aluno, levando em consideração a participação que esses mecanismos possuem no dia a dia. Na era tecnológica, esses recursos trazem importantes colaborações para a prática pedagógica e para o sistema educacional, demonstrando a relevância da atualização do conhecimento e da transmissão dele para acompanhar a sociedade em suas constantes mudanças.

O último artigo científico dessa edição, criado pelo aluno Thiago Lima Melo, apresenta uma consistente análise sobre um determinado livro didático da disciplina de língua estrangeira Inglês, verificando as metodologias usadas no ensino das principais habilidades e competências que devem ser atingidas nessa língua de acordo com o que foi estabelecido pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e pelas PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Após a breve exposição de todos os trabalhos que estão inseridos na quarta edição da nossa Revista Acadêmica - Caderno de Diálogos, convidamos os interessados a prosseguirem a leitura e a se aprofundarem nas esferas abordadas. Esperamos que a revista seja um instrumento de reflexão acerca da Educação e que ela possa reforçar, ainda mais, a importância desse elemento, uma vez que ele é um dos principais meios para a construção das pontes indestrutíveis que levam ao desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e valores essenciais que podem transformar a sociedade. Por fim, reiteramos o agradecimento a todos os participantes que fizeram parte desta publicação.

Editora Responsável

Mariane Freitas de Souza

## SUMÁRIO

### **O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO CONFORME PROPÕE MAGDA SOARES NA OBRA: “ALFALETRAR- TODA CRIANÇA PODE APRENDER A LER E A ESCREVER”**

Pollyanna Tayrine Sampaio Felisberto  
Karina Melo Leão

.....PÁG. 09

### **VIOLÊNCIA CONTRA PROFESSORES: um estudo bibliográfico de como a pedagogia do amor é transformada em pedagogia da dor**

Joana D’arc Soares Silva  
Lucas Eustáquio de Paiva Silva

.....PÁG. 20

### **O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DA DIDÁTICA E DA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

Andrei dos Reis Almeida  
Pauliane Aparecida de Moraes

.....PÁG. 31

### **A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma pesquisa bibliográfica**

Marina Aparecida Guimarães Faria  
Karina Melo Leão

.....PÁG. 44

### **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E OS DESAFIOS PÓS-PANDEMIA: uma reflexão necessária**

Edivânia do Carmo Ramos Oliveira  
Luciano Muniz Borges  
Lucas Eustáquio de Paiva Silva

.....PÁG. 54

---

**O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: uma pesquisa bibliográfica sobre o uso das tecnologias digitais e seus elementos em favor da aprendizagem**

Rafaela de Araújo Paixão  
Mailson Santos de Queiroz

.....PÁG. 68

**MÉTODOS DE ENSINO DO INGLÊS: uma análise de atividades em um livro didático formulado segundo a BNCC**

Thiago Lima Melo  
Pauliane Aparecida de Moraes

.....PÁG. 80



---

## O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO CONFORME PROPÕE MAGDA SOARES NA OBRA “ALFALETRAR- TODA CRIANÇA PODE APRENDER A LER E A ESCREVER”

Pollyanna Tayrine Sampaio Felisberto<sup>1</sup>  
Karina Melo Leão<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo científico a seguir mostra como se dá o processo de alfabetização e letramento na criança, conforme propõe Magda Soares na obra “*Alfaletrar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever*”. Seu objetivo geral é descrever a proposta de alfabetização e letramento que a autora sugere na obra. Assim, os objetivos específicos se fazem importantes, sendo estes: conceituar alfabetização e letramento e mostrar o papel do texto, da leitura e da escrita ao longo do desenvolvimento da criança. Trata-se de um artigo que conta com uma pesquisa bibliográfica, que apresenta a perspectiva de Soares quanto ao tema. Pretende-se, com este trabalho, auxiliar o profissional que lidará com a alfabetização e com letramento, buscando compreender como agir antes, durante e após o processo de aquisição das capacidades de leitura e escrita. Acredita-se que essa compreensão é de fundamental importância e contribuirá para uma melhoria da aprendizagem.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Leitura. Escrita. Alfaletrar.

### 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema o processo de alfabetização e letramento da criança, conforme propõe Magda Soares na obra “*Alfaletrar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever*”. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que tem seu estudo baseado na obra supracitada. De acordo com Gil (2002), por pesquisa bibliográfica entende-se a leitura, a análise e a interpretação de material impresso. Entre eles, é possível citar livros, documentos mimeografados ou fotocopiados, periódicos, imagens, manuscritos, mapas, entre outros. Nesse sentido, “os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência. Em função de sua forma de utilização, podem ser classificados como de leitura corrente ou de referência.”.

---

1 Pós-graduanda em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Famart. E-mail: [contatop88@gmail.com](mailto:contatop88@gmail.com).  
2 Professora orientadora do estudo e do artigo. Professora dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart – Itaúna-MG. Graduada em Ciências, Matemática e Pedagogia. Mestre em Educação.

“Alfalettrar” foi lançado em 2020 e traz relevância ao tema deste trabalho, pois é um livro que traz metas que visam garantir que toda criança seja alfabetizada e letrada. O principal foco é mostrar como Magda Soares apresenta sua proposta estruturada de alfabetização e letramento, tendo em vista que, inicialmente, “Alfalettrar” foi uma experiência da autora em um projeto desenvolvido na cidade de Lagoa Santa, no ano de 2007. É de extrema importância buscar compreender mais sobre as práticas de alfabetização e letramento bem-sucedidas, já que, devido à pandemia de Covid-19, houve um aumento significativo no número de analfabetismo no país entre crianças de seis e sete anos. A partir disso, é possível levantar a seguinte hipótese: que recurso é esse proposto em Alfalettrar, que pressupõe que toda criança pode aprender a ler e a escrever?

A partir desta indagação, torna-se objetivo primário desta pesquisa descrever a proposta de alfabetização e letramento que Soares mostra em seu livro. Além de mostrar o papel do texto, da leitura e da escrita ao longo do desenvolvimento da criança.

Portanto, acredita-se que por meio deste artigo seja possível refletir um pouco mais sobre a questão da alfabetização e do letramento procurando estabelecer conexão entre o ensino e a necessidade da criança em fase de aquisição das capacidades de leitura e escrita.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Conceito de alfabetização e letramento**

O termo alfabetização se refere ao ensino e a aprendizagem da escrita alfabético-ortográfica. Já o conceito de letramento surgiu de uma ampliação e ressignificação do próprio conceito de alfabetização. Sobre Alfabetização diz Soares “[...] O termo *alfabetização* não ultrapassa o significado de ‘levar à aquisição do alfabeto’, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever” (2017).

Ainda segundo Magda Soares (2003), “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.”. De acordo com Magda, ler e escrever não é suficiente, faz-se necessário o alcance de níveis de alfabetização funcional, ou seja, o indivíduo deve ser capaz de fazer uso do conhecimento adquirido no contexto social em que está inserido. Soares (1998, p.39-40) diz:

Retomemos a grande diferença entre alfabetização e letramento e entre alfabetizado e letrado [...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

No livro que baseou a pesquisa desse artigo, há uma unidade intitulada: “Conceitos de Alfabetização e Letramento”, na qual a autora explica, a partir de um quadro, esses conceitos historicamente.

Alfabetização – Processo da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas, procedimentos e habilidades- necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas: habilidades motoras de uso de instrumentos de escrita (lápis, caneta, borracha...) aquisição de modos de escrever ou para ler, seguindo convenções da escrita, tais como: a direção correta da escrita na página (de cima para baixo, da esquerda para a direita); a organização espacial do texto na página; a manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê – livro, revista, jornal, papel etc. (SOARES 2020, p.27)

Considerando a alfabetização como um processo multifacetado que envolve um conjunto de técnicas, é possível salientar que o ideal neste caminho rumo à aquisição da leitura e escrita precisa envolver o contato da crianças nas diferentes situações que desafiem, promovam e oportunizem a reflexão sobre a língua. Já sobre o letramento, nos diz a autora Soares (2020):

Letramento – Capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos- para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para dar apoio à memória etc; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelas convenções de leitura que marcam o texto ou de lançar mão dessas convenções, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor. (SOARES 2020, p.27)

É importante notar que a autora mostra uma parte fundamental do processo de Alfabetização: as atividades de letramento, pois, essas atividades serão caminhos que levarão a criança a se alfabetizar. Soares (2020) ressalta que “A alfabetização – da tecnologia da escrita- não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e a escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita. ”

Cabe, ainda, apresentar o conceito da autora quanto ao neologismo do termo “alfaletrar” segundo Magda Soares não é necessário apenas alfabetizar, mas alfabetizar e letrar, esse termo vem da indissociabilidade dos processos de alfabetização e letramento que, ao passo que são distintos, são processos simultâneos. Alfalettrar, nesse caso, é um verbo criado para representar a integração possível e necessária entre alfabetização e letramento.

## **2.2 O texto como eixo central do processo de alfabetização e letramento**

Na Unidade 3 da sua obra, a pesquisadora argumenta que o **texto é o eixo central** das atividades de letramento e da aprendizagem do sistema de escrita alfabética. Atualmente o texto vem sendo trabalhado associado ao processo de alfabetização e letramento, ganhando maior visibilidade e não sendo somente ligado às análises linguísticas.

A partir década de 1980, indo contra a maneira tradicional de ensino da língua portuguesa, começam a surgir novas pesquisas de trabalho que tomam o texto como unidade de estudo essencial e com o reflexo das contribuições da Linguística Textual, da Sociolinguística, da Análise do Discurso, assim, o texto se tornou mais que essencial à interação humana.

Cabe levar em consideração que o trabalho do letramento está apresentado em todos os textos e em seus diferentes e variados gêneros, tanto na representação escrita quanto na leitura porquê de uma forma ou de outra acontece a interpretação de diferentes modos e compreensão de sua utilidade.

Sendo o texto peça fundamental à linguagem, cabe ao educador utilizá-lo dentro do contexto educacional trabalhar o texto em práticas de alfabetização e letramento além de compartilhar pedagogicamente os diferentes gêneros textuais. Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade (PCNs, 1997, p. 30).

Para corroborar a seguinte afirmação: “O texto deve ser o eixo central do processo de alfabetização”, Magda Soares apresenta, em “*Alfalettrar*”, quatro argumentos que são

basicamente: fala como capacidade inata, escrita que é uma invenção cultural que precisa ser aprendida, a criança aprende quando busca sentido nos textos, utilizar se de textos para dar uso à função da leitura e escrita.

É possível analisar melhor como foram utilizados estes argumentos a partir do texto abaixo:

Argumentos:

1 - O convívio com bebês e crianças pequenas evidencia, a criança adquire a fala naturalmente, sem necessidade de ensino explícito, em contextos sociointerativos em que a oportunidade de ouvir e falar palavras, frases e textos. É que a fala é, no ser humano, uma capacidade inata, um instinto geneticamente programado.

2 - A escrita é uma tecnologia criada há apenas 3 mil ou 4 mil anos, uma invenção cultural que, como todo artefato cultural, precisa ser aprendida.

3 - Se fala e escrita se distinguem por a primeira ser adquirida de forma natural e a segunda tem de ser aprendida, ambas, no entanto, se igualam em função interativa. [...]. Ouvindo textos ou falando textos em eventos de interação com outras pessoas [...] em eventos de interação com material escrito, nos textos.

4 - Tal como seria artificial (e impossível!) pretender levar a criança a adquirir a fala ensinando-a a pronunciar fonemas e reuni-los em sílabas, estas em palavras, para enfim chegara a textos que habilitassem a interagir no convívio social, também se torna artificial levar a criança a aprender a leitura e a escrita desligadas de seu uso, ensinando-a a reconhecer e traçar letras, relacioná-las a seu valor sonoro, juntá-las em sílabas, estas em palavras, para enfim ler e escrever textos, tornando-a capaz de inserir-se no mundo da escrita. SOARES (2020, p. 34-35)

A autora traz o texto em seu sentido amplo, ligado aos gêneros textuais, e relata que a função da língua é sociointerativa, pois se dá no contexto social, assim ao passo que acontece a interação social, ela se dá por meio do texto, quando se fala, ouve, lê ou escreve.

Na página 37, do livro “*Alfabetrar*”, a autora utiliza imagem abaixo para demonstrar a relação entre a alfabetização, o letramento e o texto.



Ela explica que em um quebra cabeça por mais que as peças sejam diferentes umas das outras, cada uma se encaixa para formar um todo. Assim, para alfabetizar e letrar é preciso compreender que o processo de aprendizagem do sistema de escrita envolve habilidades cognitivas e linguísticas essenciais para a compreensão de conhecimentos específicos de um sistema bastante complexo e arbitrário.

## **2.2 Leitura e escrita no processo de alfabetização e letramento**

A autora apresenta a alfabetização sempre no contexto de letramento, e mostra a presença da leitura e escrita durante a aquisição do sistema de escrita alfabético, além de abordar como a compreensão, interpretação e produção de textos estão envolvidos no ciclo de alfabetização.

Assim, propõe-se analisar como a presença da leitura e da escrita se dá no processo de apropriação do sistema de escrita alfabético. Aprender o sistema de escrita alfabético, pode ser difícil, pois envolve duas funções: ler e escrever, que são semelhantes em alguns aspectos, mas se diferenciam em outros. Na leitura há desenvolvimento da consciência fonográfica e na escrita da consciência grafofonêmica. De acordo com Cristóforo (2009), correspondência grafofonêmica, ou correspondência grafofônica, define as relações de correspondência entre letras (grafemas) e sons. Os sons ocorrem na modalidade oral da linguagem. As letras ocorrem na modalidade escrita da linguagem. Já a consciência grafofonêmica, de acordo com Soares (2016), é a utilização da consciência fonográfica para grafar as palavras, ou seja, as crianças primeiramente identificam os fonemas da cadeia sonora para posteriormente fazer a relação com os grafemas que os correspondem na escrita. São processos que pedem meios diferentes de consciência fonêmica, mas que se desenvolvem simultaneamente. Na escrita, a criança já possui em mente aquilo que deseja grafar, enquanto que na leitura, tem a palavra grafada que precisa decodificar.

Leitura e escrita são processos simultâneos e cabe ao educando procurar estratégias para facilitar a aprendizagem, sobre esse processo nos diz Soares (2017: 45).

Não são processos independentes [alfabetização e letramento], mas interdependentes e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se *no contexto de e por meio de* práticas de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver *no contexto da e por meio da* aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

A autora destaca que a leitura e a escrita podem se modificar no decorrer do processo de alfabetização assim, tem –se os PCNs (1997, p. 40).

É necessário que se compreenda que leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento — a escrita transforma a fala (a constituição da “fala letrada”) e a fala influencia a escrita (o aparecimento de “traços da oralidade” nos textos escritos).

A autora mostra que a leitura de palavras é um passo inicial para que se leia frases e, assim, a criança dispõe do que precisa para a leitura e produção de textos, Soares (2020) afirma que, ser capaz de ler e compreender textos é o que se considera uma criança que, além de alfabética, se torna alfabetizada. Objetivo do ciclo de alfabetização e letramento.

Enfim, tanto a leitura quanto a escrita são de extrema importância no processo de alfabetização e letramento, pois são práticas sociais que desenvolvem a cognição da criança, além aguçar o senso crítico, promover a imaginação e a aquisição de conhecimentos novos.

### **2.3 Do método às metas – a questão do método**

Neste livro, a autora não apresenta um método de alfabetização e letramento, mas uma ação pedagógica bem estruturada, fundamentada em várias áreas da ciência, como: a psicogênese da escrita, a psicologia do desenvolvimento cognitivo, da fonologia, da linguística, entre outras. Sabe-se que todas essas ciências contribuem para o processo de alfabetização e letramento. Magda Soares, em “Alfaletrar”, não apresenta nenhum método concreto de alfabetização e letramento, ela procurou orientar pedagogicamente a aprendizagem da criança, não se trata de um método, mas de um ensino com método, objetivo e planejamento bem pautados que geram resultado. Soares (2020) explica a esse respeito:

A proposta deste livro diferencia-se de métodos de alfabetização porque em primeiro lugar estes designam propostas pedagógicas apenas para a aprendizagem do sistema de escrita alfabética, daí o complemento de alfabetização- considerada condição e pré-requisito para o desenvolvimento posterior de habilidades de uso desse sistema para ler e interpretar textos e para produzir textos.

No livro, fica clara a intenção de mostrar a alfabetização com método, não somente dar uma espécie de receita ao leitor. Há uma proposta pedagógica de alfabetização bem

estruturada, que conta com exemplos de escrita das crianças e diálogo das professoras, com o objetivo de organizar e estruturar a prática alfabetizadora. Soares (2020, p. 112):

É fundamental esclarecer que o que se propõe neste livro não é um “método”, mas uma orientação para ensinar com método, fundamentando-se em uma concepção de aprendizagem da língua escrita que articula contribuições de várias ciências: da psicogênese da escrita, da psicologia do desenvolvimento cognitivo e linguístico, da psicologia cognitiva da leitura e das ciências linguísticas que estudam a escrita, sobretudo a Fonética e a Fonologia. Todas essas ciências contribuem com “evidências científicas” para a compreensão do processo de alfabetização e, em decorrência disso, para o ensino.

O livro propõe a simultaneidade de aprendizagens do sistema alfabético de escrita, e de seus usos para a produção de textos e para a leitura. Desenvolver a alfabetização e o letramento em sincronia, daí o termo que intitula a obra Alfalettrar.

Outro ponto é que ao se tratar de método muitas vezes, não se mostra o processo como um todo, mas toma foco apenas em uma parte, de acordo com Soares (2020)

Assim também cada “método de alfabetização” focaliza uma parte do complexo processo de aprendizagem, do sistema alfabético, assumindo uma determinada faceta desse processo como sendo todo. Assim, há métodos que partem de textos em geral, construídos artificialmente para que deles a criança chegue progressivamente aos fonemas. Há métodos que partem diretamente da relação fonema-letra. Há métodos que focalizam o método articulatório com que são pronunciadas as letras para chegar aos fonemas.

A autora relata que é comum relacionar os métodos a uma espécie de material didático para se ensinar a ler e a escrever. É preciso ampliar o foco. As pesquisas na área das ciências linguísticas e psicológicas contribuíram para que a partir de meados do século XX, fosse possível analisar a função do processo de aprendizagem da língua escrita pela criança. A esse respeito, a autora Soares (2020) diz que a contribuição dessas ciências esclareceu sobre várias perspectivas que a criança, em função do seu contexto sociocultural, traz para a escola conhecimentos prévios sobre a escrita e seus usos vai elaborando progressivamente concepções sobre o sistema alfabético.

O livro considera dois fatores essenciais para o processo de alfabetização e letramento que são: a aprendizagem do sistema alfabético de escrita e o desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema para ler e escrever textos. Isso faz com que a criança se torne alfabetizada e letrada, que é a resposta à pergunta inicial deste artigo. Não tendo a necessidade de se pautar em uma espécie de receita passo a passo, mas se baseando em ações pedagógicas testadas e bem-sucedidas.

Assim, ensinar com método nada mais é que focar nos objetivos e metas em que se deve conduzir a criança. As metas indicam o caminho que se deve trilhar para alfabetizar e



letrar a criança. Magda aponta as seguintes habilidades em “Alfalettrar”: apropriação do sistema alfabético, ortografia no ciclo de alfabetização e letramento, habilidade de produção de texto, convenções gráficas e ortográficas na produção de texto.

Por meio dessas habilidades, é possível orientar-se e dar continuidade no processo de alfabetização e letramento. Os professores também devem conversar entre si para trocar informações e saber quais dessas metas foram ou não alcançadas e, assim, dar continuidade ao processo de aprendizagem da criança.

O ensinar com método se caracteriza pela presença de diagnósticos que mostrem a atuação dos professores em sala de aula e atentando se as dúvidas e às dificuldades que as crianças possam ter.

A obra conta, ainda, com quadros que estipulam metas de acordo com o ano em que a criança está, para dessa forma dar continuidade ao processo de *Alfalettrar* ao longo dos anos escolares. Assim, afirma Soares (2020):

Os quadros que mostram a continuidade, associados aos que mostram a integração das metas em cada ano visam orientar o planejamento de sua ação pedagógica, que não pode ser improvisada a cada dia, sem dar seguimento ao caminho que deveria estar traçado: onde as crianças já chegaram, os passos já dados, os passos necessários para que elas avancem.

Dessa forma, a obra apresenta nada mais do que metas, que visam a qualidade do ensino- aprendizagem, que é medida através de diagnósticos, como “método” de alfalettrar. O livro mostra dicas para construir um bom planejamento, pensar ações pedagógicas e revisar metas de acordo com a necessidade da criança. Enfim, Soares (2020) conclui mostrando que o que é fundamental é que a criança aprenda que quando se aprende a língua escrita, o que se aprende é a ler e a produzir textos.

### **3 CONCLUSÃO**

Este artigo mostrou os conceitos de alfabetização, letramento e do neologismo alfalettrar, sob a ótica de Magda Soares. Também buscou apresentar como acontece o processo de alfabetização e letramento na obra: *Alfalettrar – Toda criança pode aprender a ler e a escrever*. Destacou se a pesquisa bibliográfica baseada em Soares e demais autores que corroboraram com a temática.

Durante o período de pesquisa e análise da obra, notou-se que o conteúdo conta com imagens e quadros explicativos, além de dicas para se obter sucesso no processo de alfabetização e letramento.

Foi possível observar que o processo descrito em *Alfaetrar* é complexo e multifacetado, por isso deve-se trabalhá-lo como um todo tendo sempre a criança como foco. Também foi possível observar que a autora não propõe algo engessado, um passo a passo, ou algo fixo e inflexível, mas, apresenta metas a serem alcançadas durante todo o processo. A esse respeito diz a autora Soares (2012, p.18)

Pode se concluir da discussão processo de alfabetização a respeito do conceito de alfabetização, que essa não é uma habilidade, é um conjunto de habilidades, o que a caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetado. Essa complexidade e multiplicidade de facetas explicam porque o processo de alfabetização habilidades, segundo a área do conhecimento a que pertencem.

Um dos pontos chave é o trabalho com o texto (e seus diferentes tipos e gêneros), como eixo central ao processo de alfabetização e letramento. A obra de Magda Soares não propõe um método específico, pois, trabalha com metas que visam o ensino e a aprendizagem e que por fim, são monitoradas por diagnósticos contínuos. O livro mostra todo o processo pelo qual a criança que está sendo alfabetizada passa, desde seus meros rabiscos até de fato se tornarem alfabetizadas e letradas. Assim este artigo, baseado na obra *Alfaetrar* torna-se material importante para consultas e estudo para educadores e alfabetizadores, pois, organiza os processos de ensino e aprendizagem na alfabetização e no letramento.

Por fim, chega-se à conclusão que de “*Alfaetrar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever*” é um livro para além de ser meramente lido, é uma proposta de revisão e reflexão das dimensões da alfabetização e do letramento.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa: Ensino de primeira à quarta série.** 1997.

CRISTÓFARO-SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português:** roteiro de estudo e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

SOARES, Magda. *In*: **WIKIPÉDIA**: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: WikimediaFoundation, 2017]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Magda\\_Soares](https://pt.wikipedia.org/wiki/Magda_Soares).

SOARES, Magda. **Letramento**: Um tema em três gêneros/ Magda Soares, Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. “**Não existe um currículo no Brasil**” – Entrevista concedida a Sara Mourão Monteiro e Maria Zélia Versiani Machado. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 18, n. 107, p. 5-13, set./out. 2012

SOARES, Magda. **Discurso de Magda Soares** [Mai. 2015]. Belo Horizonte: Ceale-UFMG, institucional, 08 de maio de 2015.

SOARES, Magda. **Alfabetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda, **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas\*, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

## **VIOLÊNCIA CONTRA PROFESSORES: um estudo bibliográfico de como a pedagogia do amor é transformada em pedagogia da dor**

Joana D'arc Soares Silva<sup>1</sup>  
Lucas Eustáquio de Paiva Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este estudo aborda a violência dentro das escolas brasileiras, com ênfase nos casos de violência de discentes contra docentes, e o porquê esses têm aumentado consideravelmente ao longo dos anos. Nessa pesquisa serão abordadas as causas da violência, as estratégias de combate, a intervenção da gestão escolar e a postura do professor e das famílias frente às agressões. É, portanto, um estudo de cunho social, isto é, destinado a toda a sociedade, pois a escola é um ambiente comum a todos, e a figura do professor é essencial dentro do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, é uma pesquisa bibliográfica alicerçada por artigos referentes ao tema, e por esse motivo não serão apresentados dados numéricos da violência escolar. Como se sabe, os casos de violência ocorrem dentro do espaço escolar, no seu entorno, e são mais corriqueiros entre os alunos, mas existem casos de violência contra professores que causam profunda indignação pela banalidade dos agentes que levaram o aluno cometer a atitude tão extremada. Neste sentido, surge a questão que norteia este estudo: Como o professor pode evitar situações de conflito com seus alunos, sem que para isso precise retroagir em sua postura de autoridade na sala de aula? Sendo que, ao direcionarmos a delimitação do tema de pesquisa, a proposta está na investigação de como a prática pedagógica pode auxiliar no combate as violências sofridas por professores.

**Palavras-chave:** Violência. Escola. Professor. Sociedade.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este estudo aborda a temática violência dentro das escolas brasileiras, dando ênfase aos casos de violência de discentes contra docentes, e do porque esses estarem aumentado consideravelmente ao longo dos anos, nesse contexto busca analisar os desafios decorrentes da prática pedagógica do professor na solução de conflitos e situações de violência que estes sofrem em sala de aula.

Pois, ao dissertarmos sobre a “saúde” da Educação Brasileira, não podemos ser obtusos aos casos de violência contra professores que tem crescido alarmantemente, as causas vão desde famílias desestruturadas, até a desvalorização do trabalho docente pelo governo. Se para a nova geração a figura do professor é a própria imagem do obsoleto, devido a forma pelo qual conduz as suas aulas, e pela forma como a escola determina o ensino que deve ser ofertado, também o professor encontra dificuldades em aliar as tecnologias a sua prática pedagógica, devido ao sucateamento e a falta de investimentos

---

<sup>1</sup> Aluna de Pós-graduação de Coordenação Pedagógica pela Faculdade Famart. E-mail: joana-dss@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador do estudo e do artigo. Professor dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart – Itaúna-MG. Graduado em História. Mestre e doutor em Educação.

do governo em sua formação, a falta de diálogo é imperiosa quando falamos da necessidade de aparar arestas que faticamente resultam em episódios de agressões físicas, verbais e morais contra professores.

É, portanto, um estudo de cunho social, isto é, destinado a toda a sociedade, pois, a escola é um ambiente comum a todos, e a figura do professor é essencial dentro do processo de ensino e aprendizagem, no entanto, esta é uma pesquisa bibliográfica alicerçada por artigos referentes ao tema, e por esse motivo não serão apresentados dados numéricos da violência escolar.

Como sabemos, os casos de violência ocorrem dentro do espaço escolar, no seu entorno, e são mais corriqueiros entre os alunos, mas existem casos de violência contra professores que causam profunda indignação pela banalidade, dos agentes que levaram o aluno cometer, atitude tão extremada. Neste sentido, surge a questão que norteia este estudo: Como o professor pode evitar situações de conflito com seus alunos, sem que para isso precise retroagir em sua postura de autoridade na sala de aula? Sendo que, ao direcionarmos a delimitação do tema de pesquisa, a proposta está na investigação de como a prática pedagógica pode auxiliar no combate as violências sofridas por professores.

Paulo Freire (1987), em sua pedagogia do oprimido, retrata situações muito atuais, ao falar em opressor e oprimido, o que não pode, no entanto, é o professor aceitar ocupar o lugar de oprimido que a sociedade o impõe, nas palavras de FREIRE (1987, p.26) “os oprimidos, como objetos, como quase “coisas” não têm finalidades. As suas, são as finalidades que lhes prescrevem os opressores”.

Isto é, a autonomia do professor em sala de aula é inexistente, o processo de ensino e aprendizagem, como mercado de aprovação, está mais preocupado em atingir os índices impostos pelo governo, como parâmetro de qualidade do ensino no país, muitos pais julgam ser incompetência do professor o fato dos filhos não aprenderem, ou, serem reprovados.

Ao que Santos (2017), sinaliza como forma de resgatar a civilidade do jovem, a ação conjunta entre escola e família, em suas palavras:

A educação escolar vai além do papel social de possibilitar a vivência democrática, o desenvolvimento de habilidades cognitivas ou o contato com as culturas e artes. A escola zela pela integração social e pela criação de oportunidades para que o aluno aprenda a conviver em sociedade, de modo que entenda que fazer parte de uma sociedade [...].

[...] ações conjuntas entre escola, pais e sociedade tendo em vista delegar as responsabilidades e saber como transformar estas situações de violência (SANTOS, 2017, p. 12 e 13).

Estas situações são extremamente desesperadoras, a cultura do medo é cada vez mais disseminada no meio docente, fazendo com que tenhamos o aumento de casos de estresse, fadiga e transtornos psicológicos, como a síndrome do pânico, impossibilitando que os professores exerçam sua profissão, prejudicando assim seus alunos.

As enfermidades dos professores, são igualmente desmerecidas, vistas pela sociedade como forma de fuga, de abster-se da atividade laboral sem perder a remuneração. Alguns alunos, se utilizam da fragilidade do professor para importuná-lo e ameaçá-lo, até quando a sociedade deixará a Educação abandonada a própria sorte, como se os professores fossem os únicos responsáveis pelo caos que se instaura todos os dias nas escolas, é assustador perceber a naturalidade com que os jovens reagem as agressões contra seus professores, sinal evidente da falta de respeito pessoa humana, fazendo com que o professor viva a pedagogia da dor, na qual a simples lembrança de que ele terá de retornar à sala de aula na presença de seus alunos já o faz estremecer.

O professor sozinho não pode modificar o aluno, suas ferramentas de combate à violência são livros, giz e conhecimentos, e aos quais os alunos só permite que ele use, se não forem obrigados a viver em ambientes degradantes, nos quais a violência é cotidiana e diária, se é pelo exemplo que se transformam vidas, que a sociedade toda adote atitudes de repúdio à violência, com ações de efetivo combate à violência.

Freire (1987) aborda a prática do diálogo como um meio de diminuir as situações de opressão, visto que, ora se é opressor, ora se é oprimido, em suas palavras determina, “[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro [...]” (FREIRE, 1987, p.45). Em suma, ao adotar uma conduta dialética, o professor abre substancialmente a oportunidade de o aluno verbalizar seus descontentamentos com o processo de ensino, e a partir destes, pode modificar sua prática pedagógica para atender as expectativas desse aluno, contudo, sem se distanciar de seu objetivo principal que é ensinar.

Ainda como colabora Silva (2004, p. 13), “[...] subentende-se que os professores, ao discutirem a problemática da violência com seus alunos numa perspectiva dialética, devem unir esforços para que os mesmos repensem o porquê dos seus atos [...] no sentido de procurar assegurar a construção de conhecimentos significativos pelo aluno [...]”, ou seja, muito embora, a violência dentro e fora da escola seja recorrente em nosso cotidiano,

não existem estudos específicos que elaborem soluções efetivas de combate, para que, o professor evite situações que possam desencadear atitudes violentas por parte dos alunos.

Quanto aos procedimentos que possibilitaram a elaboração deste estudo, podemos descrevê-lo como uma pesquisa bibliográfica, pois, partiu do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites; sendo que sua abordagem segue uma linha qualitativa na qual despreza dados numéricos onde o resultado esperado é fazer com que a sociedade tome conhecimento de que a violência deve ser banida das nossas escolas.

Tendo como objetivo principal a investigação dos desafios decorrentes da prática pedagógica do professor na solução de conflitos e situações de violência que estes sofrem em sala de aula, bem como, estabelecer uma postura dialética entre escola e família para que os jovens não se envolvam em situações de vulnerabilidade que desencadeiem condutas agressivas em sua personalidade, utilizando ações metodológicas de aprendizagem com o intuito de envolver o aluno no processo de ensino e aprendizagem, motivando-o a se integrar ao processo, afim de, resolver os conflitos antes que esses se tornem agressões físicas, verbais e morais.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

É crescente os episódios de violência em sala de aula, ao que podemos concluir, ser reflexo daquilo que esses alunos vivenciam na família e na sociedade a principal causa dessa rebelião em massa contra os profissionais da educação. Conforme Marriel et al. (2006, p. 36):

É reconhecido e noticiado pela mídia que a escola, de modo concomitante e paradoxal, além de se instituir como instância de aprendizagem de conhecimento e de valores, bem como de exercício da ética e da razão, tem-se configurado como um espaço de proliferação de violências, incluindo, brigas, invasões, depredações e até mortes. É um espaço em que os alunos, em plena fase de desenvolvimento, se deparam com, constroem e elaboram experiências de violência.

O trecho acima citado comprova que, a violência de alunos contra seus professores, não é exclusiva na escola pública e da periferia, pois, está tão generalizada, que mesmo os alunos com padrão de vida avantajado, acabam por confundir o papel do professor e subjugar-lo a cumprir suas vontades, pelo fato dos pais pagarem a mensalidade das escolas,

reforçando que essa cultura de menosprezo pela categoria docente é comum dentro da sociedade e das famílias.

Ao que SANTOS (2017, p.20), alerta, “a escola de hoje bem como os seus professores e funcionários não estão adequadamente preparados para lidar com o aluno contemporâneo, nem com as situações de conflitos encontradas no espaço escolar”. Quer dizer professores e alunos são de gerações totalmente diferentes, com outras culturas e outro tipo de criação, esse conflito gera grande parte dos embates entre eles, pois é característico que o professor cobre o aluno quanto ao cumprimento de suas obrigações escolares.

Nesse sentido:

Na escola, a violência cotidiana aparece no desrespeito ao outro, na transgressão aos códigos de boas maneiras e à ordem estabelecida. A falta de limites, associada à desconsideração pelos outros, contribui para que os jovens e adolescentes busquem se impor pela força e pela agressão (SILVA, 2018, p.14).

Logo, a desvalorização e a degradação da profissão docente são evidentes ao longo de nossa história, a sociedade supervaloriza o aluno, e este se sente empoderado frente ao professor, como se o docente fosse seu empregado e devesse a ele obediência e satisfação de suas vontades.

A esse respeito, Soares (2014, p. 347) escreve que:

[...] a falta de medidas punitivas concorre para propagação da violência, tanto no ambiente escolar como também na sociedade como um todo. [...] o sentimento de impunidade pode gerar manifestações mais graves de violência para com o professor.

Se tomarmos como referência as situações de violência contra os professores nos anos 80, estas eram consideravelmente menores do que atualmente, e a elevação nos casos de agressão de alunos contra seus professores se relaciona com a falsa sensação de impunidade que esses menores têm.

O fato é que tanto a família como sociedade aderiram ao papel de refém de suas crianças e jovens deixando de educar seus filhos, os pais têm cada vez menos tempo de ficarem com os filhos, e como compensação pela falta de tempo, julgam correto não disciplinar o filho para que ele não o odeie.

Diante deste cenário desesperador de falta de estrutura familiar, onde o papel de responsável pela criança é inexistente, e a maioria pensa que cabe ao professor EDUCAR a criança e o jovem, o que é viável ao docente fazer para que a sua pedagogia do amor não se torne a pedagogia da dor?



Para que a Pedagogia do amor prevaleça, a prática docente deve sempre se assegurar dentro da parceria família-escola, com ações de mobilização ao combate da violência escolar, à docência é mais que vocação, é missão, é ato de amor que busca preparar o indivíduo, por meio, do afeto, neste sentido, Matos e Viana (2012, p.5) sinalizam que, “a falta de motivação causada pela violência escolar, impede que os professores realizem seus trabalhos de maneira satisfatória, gerando prejuízos para alunos, escola e para o país”, ou seja, a pedagogia do amor se transforma em pedagogia da dor, quando o professor se sente desmotivado em continuar na vida docente, devido à falta de proteção por parte da sociedade como um todo.

Na visão de Abramovay (2002, p. 9):

[...] é indispensável que o planejamento das ações preventivas e de intervenção seja elaborado de forma amplamente participativa, sendo essencial para o sucesso das ações a construção de um “senso de pertencimento à comunidade” como um dos principais fatores para a “construção de uma cultura de paz”.

Quer dizer, é fundamental que as políticas públicas garantam o acesso à educação, a todos e que esta seja de qualidade, que o governo invista recursos para a melhoria das estruturas físicas e equipamentos das escolas, bem como destine incentivos para a capacitação e qualificação da equipe gestora e docente.

Para Silva (2018, p. 11 apud WELCHEN e OLIVEIRA, 2013, p. 5):

A escola, entendida como um local que possibilita uma vivência social diferente do grupo familiar, deve oferecer a oportunidade de o aluno ter acesso a informações e experiências novas e desafiadoras, capazes de provocar transformações e de desencadear processos de desenvolvimento e comportamento.

Referindo-se diretamente a questão da violência em sala de aula, na relação professor e aluno, compete a gestão escolar estreitar os laços de relação entre escola-família-comunidade escolar, para que, se solucione os conflitos e as situações de violência sofridas pelos professores durante a prática pedagógica.

Segundo Severo e Franco (2011, p. 594):

[...] o professor tem um papel de vital importância, porque é na escola que a formação do sujeito se efetiva e mesmo que a educação esteja determinada por esta sociedade, ela possui uma responsabilidade crucial no processo de edificação e transformação desta sociedade.

O espaço escolar é definido como o ambiente destinado ao processo de ensino e aprendizagem, bem como, da construção do conhecimento, por meio, de uma postura dialética e crítica, na qual os alunos são instigados a elaboração das próprias ideias, afim

de formá-los quanto cidadãos. Ser professor no Brasil, é estar em constante processo de modificação, as mudanças decorrentes da sociedade, fatores que geram desafios e demandas que implicam muitas vezes na incidência da indisciplina e violência dentro do espaço escolar.

Matos e Viana (2012, p. 4) descrevem que:

A violência contemporânea apesar de estar associado quase que exclusivamente a práticas materiais, criminosas e delitos, ela está presente em nosso cotidiano, manifestando nas nossas mentes e no sentimento de insegurança. [...] provocados por medos próximos ou ameaças invisíveis podem encaixar-se como formas de violência na sociedade globalizada.

A exposição demasiada das crianças e dos jovens aos aparatos tecnológicos reflete diretamente na sua postura dentro da sala de aula, como pondera Santos, “a educação é um processo contínuo cuja função é possibilitar que os indivíduos alcancem e desenvolva as suas potencialidades ao longo da vida [...] (SANTOS, 2017, p. 2)”, neste sentido, o trabalho pedagógico está voltado a orientação do aluno, para que, ele consiga perceber quando o que ele está acessando pode influenciá-lo negativamente.

Assim,

A relação estabelecida entre violência e os eventos sociais é trazida à tona através dos reflexos da classe social a que pertencem os alunos, das comunidades em que estão inseridos, da família da qual fazem parte e das mídias a que tem acesso (SOARES, 2014, p.342).

Atualmente, devido às salas de aula superlotadas, fica um pouco difícil para o professor sozinho perceber quando um aluno está em situação de vulnerabilidade psicológica, e que pode vir a desenvolver um comportamento agressivo, nas palavras de Williams e Pereira (2008,p.33) “as habilidades sociais dos alunos só são colocadas em prática se a escola se constitui como um local que favorece tais habilidades”, isto é, deve o espaço escolar e seus agentes proporcionarem ao aluno um lugar em que ele se sinta parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, para que se desenvolva integralmente.

Nas comunidades de periferia, onde a violência é uma constante, a intensificação desse trabalho pode se dar na ação conjunta entre escola e organizações não governamentais, que lutam para resgatar as crianças e os jovens do mundo do crime.

Na percepção de Santos (2017, p. 7-8):

Os alunos [...] são agentes geradores de violência quando há falta de perspectivas, descrença nas instituições, desinteresse pela escola, falta de identificação com os professores e com a escola, [...] os adolescentes [...]

processos de reproduções de ações, ou seja, imitações das ações e comportamentos [...].

Todavia, atitudes e comportamentos violentos atuados pelos jovens, nada mais é que um sintoma da necessidade de se obter o respeito dentro e fora da convivência escolar.

A ideia trazida por Santos provoca a reflexão quanto à importância do professor desenvolver um trabalho de construção e valorização da identidade do aluno, pois, como completa Silva, “a violência disseminada na sociedade também é um problema presente no dia a dia escolar (SILVA, 2018, p. 1)”, logo, os episódios de violência, são uma maneira do aluno exteriorizar o seu sofrimento, é um trabalho difícil, e que por vezes coloca a figura do professor em risco, mas que se não for feito dentro do espaço escolar, tão pouco, será desenvolvido pela família ou pela sociedade, a marginalização de crianças e jovens em nosso país faz com que, cada vez, mais cresça a evasão escolar.

Ainda na contribuição de Santos (2017, p.8), “a desigualdade social é outro fator preponderante no desencadeamento da violência escolar”, muito embora esses fatores de desigualdade não possam ser utilizados como justificativa para a prática da violência e agressividade contra professores, é relevante destacar que as situações de vulnerabilidade podem sim deixar a criança e o jovem mais suscetíveis as práticas delituosas e incidir com indisciplina dentro do espaço escolar, contudo, como dito anteriormente algumas vezes a intenção não é ferir o professor, segundo Soares (2014, p.342 apud FRELLER, 2000), “[...] os alunos agressivos na escola podem ser crianças e adolescentes que depositam suas esperanças na instituição escolar [...]”, como um pedido de socorro para aquilo que esse aluno vivencia fora do espaço escolar, ou, ainda porque o professor seria a personificação daquilo que traz desagrado ao aluno.

A relação entre violência e escola pública se deve porque os episódios de agressão contra o professor são mais divulgados, contudo, nas escolas da rede privada existem condutas de agressividade contra os professores, que são mantidas sob sigilo para que essas instituições não sejam desprestigiadas dentro da sociedade e conseqüentemente percam clientela.

Soares (2014, p. 343) traz em sua redação uma importante contribuição a respeito disso:

[...] a violência simbólica para os docentes da rede particular vincula-se às relações de assédio moral tanto por parte dos alunos, pertencentes a uma classe econômica privilegiada [...] assume-se, uma semelhança entre o processo de reprodução da cultura dominante sobre as camadas populares na escola e o

vivido pelos professores, como intelectuais que estão vendendo sua força de trabalho a particulares (donos de capital).

Isso leva à reflexão de que a violência escolar não é exclusividade da escola pública, tampouco dos alunos de periferia, lógico que enquanto os alunos mais pobres partem para a agressão física, os alunos da classe média e alta optam pela humilhação verbal, por saberem que os professores dependem da permanência deles dentro da escola para serem remunerados, todavia, o assédio moral e a pressão psicológica dirigida a esses docentes podem ser ainda mais nocivas que as agressões físicas, até porque são veladas.

Como reforça Silva, “[...] a escola não irá formar o homem somente para o trabalho, mas sim o homem capaz de transformar seu mundo através do trabalho (SILVA, 2004, p.12)”, recuperar a pedagogia do amor perpassa pela necessidade de que as políticas públicas, bem como as leis da educação considerem o professor como parte fundamental do processo de ensino e aprendizagem.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assim sendo, a violência nas escolas, especialmente contra a figura do professor, está atrelada a fatores de ordem comportamental, psicológica e afetiva, além dos fatores externos, que independem da situação econômica de seus agentes, pois os casos de agressão e indisciplina sofridos pelos docentes brasileiros ocorrem tanto na escola pública como na escola privada, e são um reflexo da sociedade em que esse aluno está inserido, na qual as situações de violência fazem parte direta ou indiretamente do cotidiano dele, e que influencia negativamente no desenvolvimento da conduta moral e ética.

Visualizar a violência que ocorre e decorre do espaço escolar é a oportunidade de reconhecer que a metodologia de ensino utilizada se tornou obsoleta, buscando novas soluções, usando a criatividade, e principalmente revendo os modelos pedagógicos, para que esses sejam eficientes no combate a violência, para que ela não ocorra ou não tenha casos de reincidência.

Assim sendo, para que se atinja os objetivos elencados por este estudo, e para que a profissão de Professor no Brasil volte a ter prestígio, deve existir um diálogo entre os profissionais de educação das rede pública e privada, para que em conjunto sejam

encontradas as soluções pertinentes para que o espaço escolar seja apenas um ambiente de ensino e aprendizagem, e esse é o principal desafio docente para inibir a prática de violência dentro da sala de aula, fazer com que a educação seja transformadora além de formadora.

Os estudos sobre a violência contra professores apontam a importância de buscar dentro da própria educação as alternativas cabíveis para modificar a postura de violência adotada pelos alunos, este é ainda, um tema complexo, e envolve muitos fatores internos e externos, que precisam ser abordado e discutido pela sociedade, pois, se é dever da escola resolver os casos de violência dentro da própria escola, não deve, no entanto, que fique somente dentro do espaço escolar, pois, mascarar um assunto não é solucioná-lo.

A carência do debate com os próprios alunos é provavelmente, um dos eixos que devem ser explorados dentro do trabalho pedagógico, pois, o diálogo é a melhor estratégia, e é a pessoa do professor que necessariamente precisa reconhecer como o aluno se comporta, a fim de que antevêja as situações de violência, de modo preventivo.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. Prefácio. IN ORTEGA, Rosario et al. **Estratégias Educativas para a Prevenção da Violência**. Brasília: Unesco 2002 – Edição brasileira. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128721por.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro/ RJ, Paz e Terra, 1987. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo\\_freire\\_pedagogia\\_do\\_oprimido.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2022.

FRELLER, Cintia Copit. **Trabalhando com pais sobre indisciplina escolar: um desafio para o psicólogo**. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 23. Caxambu, 2000, Anais... Caxambu, MG: ANPEd, 2000. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/2001t.PDF>>. Acesso em: 15 out. 2022.

MARRIEL, Lucimar Câmara; ASSIS, Simone G.; AVANCI, Joviana Q.; OLIVEIRA, Raquel V. C. **VIOLÊNCIA ESCOLAR E AUTO-ESTIMA DE ADOLESCENTES**. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 127, p. 35-50, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/v36n127/a0336127.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2022.

MATOS, Francisco A. da Silva; VIANA, Samanda S. Alves. **A VIOLÊNCIA CONTRA PROFESSORES: Saberes e práticas**. Trabalho apresentado ao Fórum Internacional de Pedagogia. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012, p.1-15. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/766ebcd59621e305170616ba3d3dac32.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2022.

SANTOS, Helen dos. **A VIOLÊNCIA PRESENTE NAS RELAÇÕES ENTRE ALUNOS E PROFESSORES NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**. Artigo apresentado a UNISUL, 2017. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Helen.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2022.

SILVA, Leonardo Vila da. **A VIOLÊNCIA NA ESCOLA E AS POSSÍVEIS FORMAS DE PREVENÇÃO**. Artigo extraído do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/leonardo\\_silva.pdf](http://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/leonardo_silva.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2022.

SILVA, Maria José Domingues da. **O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA MEDIAÇÃO NECESSÁRIA**. Artigo publicado na revista eletrônica RECE Revista Eletrônica de Ciências da Educação, v. 3 n. 1. 2004. Disponível em: <<http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/531/414>>. Acesso em: 10 out. 2022.

SEVERO, Susana da Silva Gonçalves; FRANCO, Adriana de Fátima. **O PROFESSOR FRENTE AOS DESAFIOS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR**. Trabalho apresentado no Congresso Nacional de Educação- EDUCERE. p. 582-596. 2011. Curitiba/PR. Disponível em: <[https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4267\\_2393.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4267_2393.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2022.

SOARES, Michelle Beltrão. **Violência contra o professor nas representações sociais de docentes**. *Revista Perspectiva*. v. 32, n.1, p. 333-354. Florianópolis/SC 2014. Disponível em: <[https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/2175-795X.2014v32n1p333/pdf\\_30](https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/2175-795X.2014v32n1p333/pdf_30)>. Acesso em: 15 out. 2022.

WELCHEN, Dirce; OLIVEIRA, Marineiva Moro Campos de. **A Formação de Valores no Ambiente Escolar**. *Unoesc & Ciência – ACHS*, Joaçaba, v. 4, n. 1, p. 19-30, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/viewFile/2683/pdf>>. Acesso em: 15 out. 2022.

WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque; PEREIRA, Ana Carina Stelko. **A Associação entre Violência Doméstica e Violência Escolar: uma análise preliminar**. Disponível em: <<http://www.laprev.ufscar.br/documentos/arquivos/artigos/2008-williams-e-stelko-pereira.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2022.

## O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DA DIDÁTICA E DA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Andrei dos Reis Almeida<sup>1</sup>  
Pauliane Aparecida de Moraes<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho é baseado em reflexões acerca dos temas ligados ao processo de ensino e aprendizagem por meio de investigações e levantamentos teóricos com a finalidade de mostrar quais são os principais fatores que influenciam à prática de alfabetização e letramento e ao mesmo tempo mensurar o quão necessário se faz a utilização de ferramentas, como a didática e a psicologia, para o desenvolvimento da inteligência e da integração dos alunos pertencentes a educação básica. Sabemos que cada criança tem seu tempo para aprender a ler e a escrever. Em toda sala de aula, há uma heterogeneidade que deve ser respeitada pelo professor, porém todos devem ser instigados a aprender e a ser protagonistas desse aprendizado, compartilhando suas experiências e vivências. A importância da psicologia no processo de ensino-aprendizagem reside no reconhecimento de que a educação é um fenômeno verdadeiramente complexo e o seu impacto no desenvolvimento humano obriga que se considere a globalidade e a diversidade das práticas educativas em que o ser humano se encontra imerso, isto porque a educação se desdobra em múltiplos contextos nos quais as pessoas vivem e participam definidos como âmbitos educativos.

**Palavras-chave:** Didática. Ensino. Aprendizagem. Psicologia da Educação.

**ABSTRACT:** The present work is based on reflections on issues related to the teaching and learning process through research and theoretical surveys in order to show what are the main factors that influence the practice of literacy and literacy while measuring how necessary it is to use tools such as didactics and psychology for the development of intelligence and integration of students belonging to basic education. We know that each child has its own time to learn how to read and write. In every classroom, there is a heterogeneity that must be respected by the teacher, but everyone must be encouraged to learn and to be the protagonists of this learning, sharing their experiences. The importance of psychology in the teaching-learning process lies in the recognition that education is a truly complex phenomenon and its impact on human development requires that we consider the globality and diversity of the educational practices in which the human being is immersed, because education unfolds in multiple contexts in which people live and participate, defined as educational environments.

**Keywords:** Didactics. Teaching. Learning. Educational Psychology.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é baseado em reflexões acerca dos temas ligados ao processo de ensino e aprendizagem por meio de investigações e levantamentos teóricos com a finalidade de mostrar quais são os principais fatores que influenciam a prática de

---

<sup>1</sup> Pós-graduando de 2ª Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Famart. E-mail: andrei fla10@gmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora do estudo e do artigo. Professora dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart – Itaúna-MG. Graduada em Psicologia, Especialista em Psicopedagogia e Mestre em Educação.

alfabetização e letramento e ao mesmo tempo mensurar o quão necessário se faz a utilização de ferramentas como por exemplo, a didática e a psicologia para o desenvolvimento da inteligência e da integração dos alunos pertencentes a educação básica.

Temos consciência que o processo de ensino e aprendizagem engloba um conjunto de questionamentos como a própria definição do que é aprender e ensinar. Por isso, a problemática que norteia este trabalho gira em torno das perguntas: Quais conceitos sobre o processo de ensino e aprendizagem sobre a alfabetização e letramento? Qual o papel do professor na alfabetização e letramento? Como funciona a escola em relação ao processo de alfabetização e letramento?

Diante destas questões é necessário que os educadores sejam capazes de compreender as diferenças de cada ação e saber escolher a melhor maneira para trabalhar um determinado tema. Os seus métodos devem ser revistos a cada momento, o ato de ensinar não pode ser algo estagnado, mas precisa passar por reformulações constantes para que a aprendizagem do aluno seja alcançada. Por esse motivo, é preciso não apenas absorver conceitos, mas como pôr eles em prática, pois o objetivo do educador deve ser acima de tudo alcançar o aprendizado do aluno.

Falar sobre a importância da didática no ensino e aprendizagem expõe uma grande relação com os conceitos que se emprega para os termos “ensinar” e “aprender” ao mesmo tempo que estudar psicologia da educação também é compreender o processo de ensino e aprendizagem, a eficiência das táticas e estratégias educacionais, assim como o estudo do funcionamento da instituição escolar enquanto organização. Neste trabalho fizemos uma revisão bibliográfica tendo como plano de fundo o livro de José Carlos Libânio “Didática” com objetivo levantar e responder questionamentos acerca do tema. Além do livro, para a coleta de dados também usamos os trabalhos acadêmicos de pós-graduação lato censo e stricto sensu buscados de forma específica na internet, considerando os escritos de acordo com a atualidade, apresentados entre o período de 2017 a 2023. Assim, o critério de busca baseou-se na seleção de textos em língua portuguesa e inglesa, que mencionava o tema: “os fatores que influenciam o processo de ensino e aprendizagem”. Desta forma, foram filtradas as referências e a base de dados dos autores serviram de guia para seleção de novos artigos relevantes para o estudo. Os descritores utilizados foram: didática, psicologia da educação, processo de aprendizagem, alfabetização e letramento. Deste modo, a partir de um levantamento de fontes bibliográficas foram utilizadas as seguintes bases de dados



para obtermos as informações relevantes: SciELO - Scientific Electronic Library Online, ERIC - Institute of Education Sciences, Google Acadêmico, Repositórios das Universidades Federais, BDTD Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Microsoft Big, Revista Digital Núcleo do conhecimento, Plataforma Science.gov e sites oficiais do Governo Federal Brasileiro. Diante dos trabalhos acadêmicos foram encontrados e selecionamos para leitura 23 artigos que triados pelos títulos e resumos com publicações intrinsecamente ligadas ao tema.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 A didática em uma perspectiva histórica: gênese e elementos evolutivos**

Atualmente percebemos que ser professor ao contrário do que muitos pregam levando em conta o que diz o senso comum, não classificariamos como meramente uma vocação, mas passa por todo um processo em que aquele que deseja ser educador precisa compreender cada situação da qual se deparará ao longo do seu trabalho. Libâneo (1994) diz que o ato de ensinar não pode ser percebido como algo mecânico e a didática não possui leis categóricas, desse modo, a dinâmica estabelecida entre a arte de ensinar e a aprendizagem dos alunos sempre haverá a necessidade de reajustes constantes. Portanto, a forma de ensinar, os meios utilizados, e a forma de avaliação devem passar por um processo que permita que a aprendizagem seja realmente alcançada. Para isso, o professor deve ter plena noção de seu papel como mediador entre o processo de aprendizagem e os alunos. É neste sentido que Ribeiro e Guimarães (2019) irão concluir que a Didática é de suma importância para a formação do professor, pois ela deve proporcioná-lo o desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva, possibilitando que o professor faça uma análise de forma clara sobre a realidade do ensino, proporcionando situações em que o aluno construa seu próprio saber.

A palavra didática tem a sua origem na língua grega, e seu significado é “fazer aprender”, “instruir”, “ensinar” e por muitos anos a Didática, foi compreendida como um conjunto de procedimentos técnicos cujo objetivo principal era o de garantir o bom ensino, baseado em técnicas pedagógicas eficientes e bem conduzidas para produzir a eficácia

educativa. No entanto, desde o seu surgimento no campo da Ciência, ela foi passando por um longo processo de mudanças:

Desde os jesuítas, passando por Comênio, Rosseau, Herbart, Dewey, Snyders, Paulo Freire, Saviani, dentre outros, a educação escolar percorreu um longo caminho do ponto de vista de sua teoria e sua prática. Vivenciada através de uma prática social específica – a pedagógica -, esta educação organizou o processo de ensinar-aprender através da relação professor aluno e sistematizou um conteúdo e uma forma de ensinar (transmitir- assimilar) o saber erudito produzido pela humanidade. Este conteúdo e esta forma geraram diferentes teorias e diferentes práticas pedagógicas que, ao enfatizarem ora quem ensina, ora quem aprende, ora os meios e os recursos utilizados, sintetizaram diferentes momentos da produção da sobrevivência humana (DAMIS, 1988, p. 13; apud SANTOS, 2014, p. 3-4).

Durante muito tempo, a Didática manteve características prescritivas e instrumentais e Candau (2002), na obra “Rumo a uma nova didática”, colocou em evidência a necessidade de superar a didática em sua perspectiva instrumental, que se limitava aos conhecimentos técnicos de “como fazer” e à dimensão técnica do processo. Considerando a dinâmica do processo educativo, Candau (2012) destacou a importância de se instituir uma didática fundamental, que considere a multiplicidade do processo de ensino e aprendizagem.

Sob esse paradigma, os processos educativos precisam ser pensados a partir da análise das práticas pedagógicas, em um processo de reflexão em que a teoria e práticas estejam articuladas às três dimensões: técnicas, humanas e políticas. A dimensão técnica corresponde à capacidade de o professor organizar e exercer as práticas de ensino para promover a aprendizagem. Tal processo inclui: a definição dos objetivos, a seleção dos conteúdos, estratégias de ensino, os procedimentos de avaliação e outras práticas. As relações interpessoais que se estabelecem entre docentes e discentes são indispensáveis no processo educativo. Assim sendo, a dimensão humana deve permear as práticas educativas e o professor deve comprometer-se tanto com o desempenho intelectual quanto com o emocional dos estudantes.

Como a educação se faz em um determinado contexto, ela não é neutra e deve assumir uma perspectiva crítica. Assim, a prática educativa deve ser reflexiva, fundamentada em aspectos filosóficos e sociológicos que subsidiam a dimensão política da educação. A complexidade do processo educativo ainda exige que a Didática seja pensada sobre diferentes perspectivas. Enquanto campo de ciência, a Didática geral atua sobre os aspectos gerais do processo educativo, aos procedimentos de todas as disciplinas e diferentes tipos de alunos. Já a Didática especial se ocupa da investigação das

especificidades das diferentes áreas do conhecimento e aos diferentes modos de aprendizagem.

Atualmente, sabe-se que a Didática tem como principal objetivo os processos de ensino e de aprendizagem, ultrapassando a técnica, tornando-se um meio de compreensão crítica da educação e dos processos de ensino e de aprendizagem. Segundo Rêgo (2010), a Didática, em termos técnicos e práticos, possui um conteúdo implícito, uma concepção de sociedade, de homem e de educação. As reflexões sobre educação, a escola como instituição social, os procedimentos pedagógicos, a avaliação dos processos de ensino e de aprendizagem do aluno e outros aspectos que dizem respeito ao ato educativo são tratados pela Didática de forma crítica e comprometida com a formação da cidadania e com o modo de aquisição do conhecimento. Com a preocupação de enfatizar a importância desses dois processos na educação, a didática compromete-se com a reflexão dos caminhos que levam à construção do conhecimento em todas as áreas do currículo escolar. Atualmente, ela constitui um campo do conhecimento, compreendida por Libâneo (1994) como uma “Teoria do Ensino”, indispensável no processo de formação de todos que se dedicam às práticas educativas, pois esta é a ciência que se dedica especialmente à investigação dos fundamentos e das condições necessárias para que a aprendizagem aconteça.

## **2.2 Como acontece a aprendizagem**

Sabemos que cada criança tem seu tempo para aprender a ler e a escrever. Em toda sala de aula, há uma heterogeneidade que deve ser respeitada pelo professor, porém todos devem ser instigados a aprender e a ser protagonistas desse aprendizado, compartilhando suas experiências e vivências. Cabe ao professor problematizar questões que tenham significado e desafiem a criança a refletir, pensar, analisar e aprender, para que a aprendizagem da leitura e escrita seja algo que faça sentido para ela. Nesse sentido, é importante recuperar, também, essa afirmação de Vygotsky:

ensinam-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito, que se acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal. (VYGOTSKY, 2002, p. 139).

Diante disso, de acordo com Libâneo (1994), aprender é o processo de apropriação de qualquer forma de conhecimento, desde o mais simples onde a criança aprende a

manipular os brinquedos, aprende a fazer contas, lidar com as coisas, nadar, andar de bicicleta, entre outras, até processos mais complexos onde uma pessoa aprende a escolher uma profissão e a viver socialmente. Dessa forma, as pessoas estão sempre aprendendo, mas, segundo o autor, para que aprendizagem aconteça é necessário que exista um processo de assimilação onde o aluno com o auxílio e orientação do professor passa a compreender, refletir e aplicar os conhecimentos que foram obtidos.

Assim, a aprendizagem é observada e de certa forma colocada em prática quando o aluno obteve conhecimentos que foram transmitidos durante uma aula ou atividade. Por isso, segundo Libâneo (1994), para que aconteça a aprendizagem é preciso um processo de assimilação ativa e para que este processo seja efetivo necessita de atividades práticas em várias modalidades e exercícios, nos quais se pode verificar a consolidação e aplicação prática de conhecimentos e habilidades.

Entretanto, é necessário afirmar que segundo o autor que tal prática não anula as outras, pois o processo de assimilação ativo é composto de diversos componentes como os objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas. Outro fator importante é a motivação que pode acontecer de duas formas distintas, intrínseca e extrínseca, ela é um instrumento formidável para que aconteça a aprendizagem ou seja,

A motivação é intrínseca quando se trata de objetivos internos, como a satisfação de necessidades orgânicas ou sociais, a curiosidade, a aspiração pelo conhecimento; é extrínseca, quando a ação da criança é estimulada de fora, como as exigências da escola, a expectativa de benefícios sociais que o estudo pode trazer, a estimulação da família, do professor ou dos demais colegas. (LIBÂNEO, 1994, p. 88).

Nestes termos, como afirma Libâneo (1994), para que a aprendizagem aconteça é preciso que o professor organize o conteúdo de uma maneira a atender as necessidades do aluno para que ele descubra suas possibilidades. Nas palavras dele, aprender de forma alguma pode ser comparado ou relacionado com a decoração de conteúdos que em nada acrescenta nos pensamentos e habilidades do estudante. A aprendizagem é algo que modifica o pensamento, não se trata de uma estagnação onde os conteúdos em nada influenciam na forma do indivíduo agir. Para que se possa haver a aprendizagem o aluno necessita ser estimulado com conteúdo de seu alcance, textos que tratem de sua realidade. Somente quando o aluno demonstra através de ações alguma forma de mudança crítica podemos dizer que realmente existiu a aprendizagem.

Assim, de acordo com Libâneo (1994), podemos definir processo de ensino como uma sequência de atividades do professor e dos alunos, tendo em vista a assimilação de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades, através dos quais os alunos aprimoram capacidades cognitivas, ou seja, pensamento independente, observação, análise e síntese, entre outras.

### **2.3 Processos didáticos básicos: ensino e aprendizagem**

A principal tarefa do professor é garantir a unidade didática dentro do processo de ensino, no entanto, ensino e aprendizagem são duas facetas de um mesmo processo. De acordo com Libâneo (1994), o professor planeja, dirige e controla o processo de ensino, com o objetivo de estimular e provocar a atividade própria dos alunos para a aprendizagem. Mas, para compreender corretamente a dinâmica desse processo é necessário analisar separadamente cada um dos seus componentes: a aprendizagem, o ensino e a unidade entre ensino e aprendizagem.

De forma geral, todas as atividades humanas praticadas no ambiente em que vive pode levar a uma aprendizagem, contudo, o gerenciamento do processo de ensino necessita de uma compreensão mais clara e segura do processo de aprendizagem. Assim, Libâneo (1994) nos traz um enredo de reflexões a serem feitas: em que consiste a aprendizagem, de que forma as pessoas aprendem, quais são as condições externas e internas que o influenciam na aprendizagem? Porque, segundo ele desde que nascemos estamos sempre aprendendo, e continuamos aprendendo por toda a vida.

Nesta linha de pensamento, Libâneo (1994) distingue a aprendizagem casual e a aprendizagem organizada. E segundo ele a aprendizagem casual é quase sempre espontânea e surge de forma natural da influência mútua entre as pessoas e com o ambiente em que vivem. Por exemplo, ela aparece pela convivência social, pela observação de objetos e acontecimentos, pelo contato com os meios de comunicação, leituras e conversas, ao longo do tempo de forma cultural as pessoas vão acumulando experiências, adquirindo conhecimentos, formando atitudes e convicções. Por outro lado, segundo o nosso autor, a aprendizagem organizada é aquela que tem por finalidade específica aprender determinados conhecimentos, habilidades, normas de convivência social. Embora isso possa ocorrer em vários lugares, é na escola que são organizadas as condições específicas

para a transmissão e assimilação de conhecimentos e habilidades. Esta organização intencional, planejada e sistemática das finalidades e condições da aprendizagem escolar é tarefa específica do ensino, por isso,

A aprendizagem escolar é, assim, um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental, organizados e orientados no processo de ensino. Os resultados da aprendizagem se manifestam em modificações na atividade externa e interna do sujeito, nas suas relações com o ambiente físico e social. (LIBÂNEO, 1994, p. 80).

Desta forma, de acordo com Libâneo (1994), ao percorrermos parte dos processos de instrução, podemos notar que o ensino não é apenas mera transmissão de informações. Trata-se, na realidade, de um trabalho de mediação entre os conhecimentos atuais do aluno e as novas matérias do ensino.

Para tornar a aprendizagem significativa, segundo Moura (2019), professores e alunos devem conceber a construção do conhecimento entre ambos, ou seja, assim como não é somente o professor que ensina, também não é só o aluno que aprende. Durante a fase de desenvolvimento, a criança vai experimentando situações que se configuram em pré-requisitos que serão importantes para o processo da alfabetização.

## **2.4 Fatores influenciadores do processo ensino e aprendizagem**

Os conhecimentos adquiridos pelos professores em relação à psicologia da aprendizagem podem lhe servir de norteadores em muitas situações diante do processo de ensino-aprendizagem. Por isso, Durante e Tabile (2017), afirmam que de modo geral a psicologia da educação se coloca como mediadora da compreensão do modo como ocorre o comportamento das crianças quando relacionados ao ato de apreender, planejar, direcionar e avalia as suas ações.

Neste sentido, segundo as autoras este processo é vivenciado entre erros e enfrentamento da possibilidade de corrigir cada erro cometido e comemorar com cada acerto e conquistas alcançadas. Os sentimentos de tristezas, alegrias, ansiedade, medo, agitação e tranquilidade vão se manifestando, conforme as ocorrências do dia e do processo de ensino aprendizagem. Mas, segundo elas é no processo grupal e no apoio recebido por parte do professor que a criança vai se fortalecendo para enfrentar as adversidades surgidas no contexto escolar. Diante disto, Durante e Tabile (2017) acreditam que o papel do professor se configura como de suma importância, nas interações professor-

alunos-objeto de estudo, que conduzem à apropriação do conhecimento, considerando como preponderante o papel do adulto à aquisição do conhecimento por parte do aluno. Assim, pelo exposto, conclui-se que:

A importância da psicologia no processo de ensino-aprendizagem reside no reconhecimento de que a educação é um fenômeno verdadeiramente complexo e o seu impacto no desenvolvimento humano obriga que se considere a globalidade e a diversidade das práticas educativas em que o ser humano se encontra imerso, isto porque a educação se desdobra em múltiplos contextos nos quais as pessoas vivem e participam definidos como âmbitos educativos. Assim a psicologia da aprendizagem, aplicada à educação e ao ensino, busca mostrar como, através da interação entre professor e alunos, entre os alunos, é possível a aquisição do saber e da cultura acumulados. (DURANTE e TABILE, 2017, p. 7).

A partir deste pensamento Durante e Tabile (2017) tomam como objetivo geral identificar os fatores que são essenciais na aprendizagem como pensamento, linguagem, motivação, emoção, a relação professor-aluno. Neste sentido, elas caracterizam a motivação como um processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir da necessidade de satisfação, e ainda afirmam que,

A criança apresenta um quadro de motivação em formação, sendo necessário que os seus responsáveis compreendam os estímulos que a motivam ao aprendizado. Para Vygotsky, o pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções. É preciso incentivar a educação, mas não apenas uma educação fria, sem sentimentos. Educar precisa envolver os alunos, envolver a ponto de marcar de maneira positiva. (DURANTE e TABILE, 2017, p. 80).

As autoras sugerem que as aulas sejam elaboradas e conduzidas conforme as necessidades dos alunos, considerando inclusive os aspectos emocionais e as ansiedades que os permeiam naquele momento. Em relação a motivação dos alunos de acordo com elas são vários os fatores que podem interferir como, por exemplo, a adaptação do aluno influenciado pelo ambiente escolar dentro do processo aprendizagem e na motivação, pois pode colaborar e estimular positivamente se o ambiente for propício. A partir disso, segundo Durante e Tabile (2017), sabe-se que o estilo de ensino, tamanho da classe e a infraestrutura da escola contribuem para o bom desenvolvimento das crianças. Elas também afirmam que a ausência da motivação no processo ensino aprendizagem se configura como queda no investimento pessoal dos educandos, comprometendo a qualidade das tarefas de aprendizagem com o agravante de que à medida que avançam os anos escolares, a desmotivação tende a continuar presente e o interesse pelo estudo cai facilmente. Em consequência disto é comum que o aprendiz comece a acreditar que sua capacidade de aprender algumas matérias é deficitária.

Nesta mesma linha de pensamento, cabe a nós dizermos que o processo de aprendizagem está diretamente relacionado com a motivação e a necessidade que o aluno sente de aprender, fazendo com que suas ações sejam canalizadas para a dedicação às tarefas escolares, culminando na satisfação de viver o processo de ensino aprendizagem.

Se o principal objetivo é a evolução do aluno e seu crescimento intelectual não meramente pautada em decorar os conteúdos, mas visa o aprendizado de forma integrada assim, segundo Libâneo:

A relação entre ensino e aprendizagem não é mecânica, não é uma simples transmissão do professor que ensina para um aluno que aprende. Portanto é uma relação recíproca na qual se destacam o papel dirigente do professor e a atividade dos alunos. Dessa forma podemos perceber que o ensino visa estimular, dirigir, incentivar, impulsionar o processo de aprendizagem dos alunos. (Libâneo, 1994, p. 90)

Assim, de acordo com as autoras Durante e Tabile (2017), a motivação dos alunos depende em parte da motivação dos professores, do ambiente escolar, das dinâmicas em sala de aula; e isso influencia no seu grau de aprendizado, visto as atividades motivadoras propostas por professores e as motivações do aluno, em relação à realização do dever de casa e ao entendimento da aula, resultando em maior qualidade do ensino-aprendizagem.

Pelo exposto até aqui, as autoras Durante e Tabile (2017) afirmam que é imprescindível, conhecer o padrão de pensamento dos alunos e a partir disto elaborar estratégias de ensino aprendizagem que atendam suas condições concretas, alcançando não apenas os aspectos cognitivos, mas avaliando também os aspectos afetivos dos educandos. Diante disto, cabe discursar um pouco sobre cada um destes aspectos. Sobre o aspecto cognitivo, essas mesmas autoras ao abordarem a temática da alfabetização introduzem a temática da evolução do pensamento concreto para a capacidade de abstração da criança. Nesta perspectiva, elas concebem a alfabetização como um fenômeno que,

liberta as crianças da restrição da comunicação face a face dando-lhes a possibilidade de acessar as ideias e a imaginação de pessoas em terras distantes e em períodos passados. A partir do momento em que as crianças conseguem ler e escrever podem traduzir os sinais de uma página em um padrão de sons e significados, desenvolver estratégias progressivas e sofisticadas para entender o que leem e usar a palavra escrita para expressar pensamentos e sentimentos. (DURANTE; TABILE, 2017, p. 77).

Em relação ao desenvolvimento da linguagem a partir da alfabetização os educandos adquirem capacidade para dar significado aos termos se constituindo como um meio para ampliar o seu universo de conhecimento. Tudo isso ocorre num processo contínuo e ao



atualizarem o estágio das operações concretas, obtendo a capacidade de abstração, eles conseguem desenvolver a consciência crítica, do meio em que vivem.

Para Piaget (1975), a criança expõe seus aprendizados por meio da linguagem. Dessa forma é que podemos ter a certeza sobre o desenvolvimento cognitivo do aluno. Piaget se inspirava na teoria kantiana, que dizia que:

O processo de conhecimento implica, de um lado, a existência de um objeto a ser conhecido, que suscita a ação do pensamento humano e, de outro, a participação de um sujeito ativo capaz de pensar, de estabelecer relações entre os conteúdos captados pelas impressões sensíveis, a partir das suas próprias condições para conhecer, ou seja, a partir da razão. (PALANGANA, 1998. pg. 34)

Isso significa que o professor deve estabelecer uma ligação entre o que será ensinado ao aluno e relacionar com o conhecimento que o aluno já possui, para que o aluno possa ter interesse no que será estudado e, assim, criar uma conexão com a sala de aula e o seu dia a dia.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como dizemos anteriormente na discussão sobre a importância da didática no ensino e aprendizagem, foi revelada a grande relação entre os conceitos que se emprega para os termos ensinar e aprender, ao mesmo tempo que fazemos reflexões a respeito da psicologia da educação percebemos também que é compreender o processo de ensino e aprendizagem, a eficiência das táticas e estratégias educacionais dentro do ambiente escolar.

Pôde-se perceber que o processo de ensino e aprendizagem ocorre de diferentes formas e a função da educação é transformar sujeitos para melhorar o mundo em que vivemos. O objetivo do processo de ensino e de aprendizado é a formação do aluno, como ele vai ser capacitado, de quais formas a escola pode ajudar em seu processo de desenvolvimento. O papel da escola é proporcionar, não somente que o aluno aprenda a ler e a escrever, mas formar o aluno para o convívio, por meio de a educação mudar o rumo da sociedade, pois a finalidade da escola é desenvolver o aluno de forma integral. Neste sentido, o professor é a peça-chave nesse processo, sabemos que os alunos adquirem conhecimentos de diversas formas e em diversos lugares. No entanto, é necessário que a

prática leve o aluno a refletir, a alcançar uma nova visão de mundo, que ele possa, por meio da educação, mudar a sua condição. Portanto, é papel do professor fazer com que o aluno adquira esses conhecimentos, mediar esse processo para que o aluno aprenda com objetividade.

Enfim, constatou-se que as bases teóricas que influenciam a prática estão intrinsecamente ligadas à formação da identidade profissional do professor. Através deste estudo foi possível compreender que a teoria e a prática favorecem a construção do saber docente e auxiliam o educador a pensar a sua prática, possibilitando que o mesmo se torne um profissional reflexivo.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, Betania. Os Caminhos metodológicos. In. **A constituição do sujeito de aprendizagem**: uma experiência da aprendizagem situada no Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá – CEDEP/DF. Brasília: UnB, 2015.

CANDAU, Vera Maria (org.). **A didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Rumo a uma nova didática**. Petrópolis: Vozes, 2013.

DURANTE, Marisa Claudia Jacometo; TABILE, A. F.. Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um Estudo de Caso. *Psicopedagogia*. Associação Brasileira de Psicopedagogia, v. 34, p. 75- 86, 2017.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MOURA, A. A. **A Psicopedagogia na alfabetização de crianças com dificuldades de aprendizagem**. RPGE– Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 23, n. 1, p. 85-102, jan./abr., 2019.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky**: a relevância do social. 2. Ed. São Paulo: Plexus, 1998.

RIBEIRO, Célia Pereira de Lima; GUIMARÃES, Josicleide Farias. **A importância da didática e suas contribuições no processo de formação docente**. Campina Grande: Realize, 2019. Disponível em: <[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conapesc/2019/TRABALHO\\_EV126\\_MD1\\_SA15\\_ID2669\\_01082019195508.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conapesc/2019/TRABALHO_EV126_MD1_SA15_ID2669_01082019195508.pdf)>. Acesso: em 16 de set. de 2022.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 11. Ed. São Paulo: Ícone, 2010.

## **A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma pesquisa bibliográfica**

Marina Aparecida Guimarães Faria<sup>1</sup>

Karina Melo Leão<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este presente trabalho apresenta como proposta, a partir de pesquisa bibliográfica, abordar a importância da música na educação infantil e como ela impacta no processo de ensino e aprendizagem. A música consiste em uma linguagem que promove a comunicação e a expressão de sensações, pensamentos e sentimentos. Presente na vida das crianças desde bebê nas “canções de ninar” e em diversas culturas, a música consiste em uma forma de expressão humana. Não é apenas uma combinação de sons e palavras e sim um aparato de muita importância que pode fazer uma grande diferença nas instituições escolares, pois ela oferece inúmeras oportunidades para que a criança aperfeiçoe suas habilidades motoras e cognitivas, promova a socialização e facilite o processo de aprendizagem. A pesquisa realizada neste trabalho pode ser classificada como descritiva, com uma abordagem direta e bibliográfica. O material documentado, assim como as respectivas análises, foi organizado em forma de relatório de pesquisa, fazendo parte do presente trabalho de conclusão de curso.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Música. Aprendizagem.

### **1 INTRODUÇÃO**

A maioria das pessoas compreendem que a música está presente na vida do ser humano desde bebê e sempre foi vista como uma arte como manifestação cultural, que influencia o que está ao seu redor, de certa forma.

A música tem uma importância tão grande na vida das pessoas que ela permeia em todos os ambientes em que o sujeito está inserido, como na escola, se tornando uma aliada indispensável para a aprendizagem dos sujeitos, promovendo a socialização e a aquisição de habilidades diversas.

Na Educação Infantil, uma etapa da Educação Básica, a aprendizagem dos sujeitos se constituem como um marco importante no seu desenvolvimento. Dessa maneira, a música se torna indispensável no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo nessa etapa de vida do ser humano.

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Educação Infantil pela Faculdade Famart. E-mail: marynafaria@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora do estudo e do artigo. Professora dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart – Itaúna-MG. Graduada em Ciências, Matemática e Pedagogia. Mestre em Educação.

Diante disso, cabe o seguinte questionamento: Qual é a importância da música na Educação Infantil? Para responder tal questionamento, a pesquisa apresenta como objetivo geral verificar como é o processo de aprendizagem por meio da música nas crianças da Educação Infantil.

Como objetivos específicos, o trabalho busca analisar o processo de aprendizagem das crianças; verificar como é o funcionamento da Educação Infantil e compreender como a música no dia a dia da Educação Infantil se torna necessária e importante para o processo de aprendizagem dos sujeitos.

Tal pesquisa se justifica para que se compreenda que a etapa da Educação Infantil é uma das mais importantes na vida do sujeito e que a música é uma das formas de trabalho que auxilia o professor e dá aos alunos a oportunidade de aprender de maneira prazerosa e com qualidade.

## **2 A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

O ser humano, quando nasce, já tem o potencial para a aprendizagem. Mas, para isso, o sujeito precisa de estímulos externos e também internos, como a motivação e a necessidade, para que, assim, aconteça a sua aprendizagem. Alguns aprendizados existentes já são natos do indivíduo, como falar e andar, necessitando que o indivíduo passe pelo processo de maturação, que deve ser psicológica, física e social.

A aprendizagem, segundo Relvas (2011), consiste na aquisição e na integração de informações que ocorrem em todas as etapas da vida do ser humano, sendo importante para a sua sobrevivência. Ela se dá no meio social em que o indivíduo convive e é o resultado da estimulação do ambiente sobre o sujeito já maturo, que se expressa, diante de uma situação-problema, sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiência.

Para Barbosa (2015), de acordo com estudos de Visca, o ser humano aprende ininterruptamente desde o seu nascimento e a aprendizagem é uma variável que depende dos aspectos afetivos, cognitivos e sociais que acontecem simultaneamente na vida do sujeito.

A aprendizagem escolar acontece no momento em que se constata qual o grau de maturidade intelectual alcançado pelo sujeito, de forma que nota suas falhas e corrige seus

erros, de acordo com as características e capacidades do sujeito como um todo. (BARBOSA, 2015)

Segundo Silva (2016), para que haja a aprendizagem de uma criança sem que ela apresente dificuldades se necessário que o seu Sistema Nervoso Central e o Sistema Nervoso Periférico estejam intactos pois ela aprende ao receber informações através de seus receptores. Dessa maneira, para que realmente haja a aprendizagem, é necessário que certas integridades básicas estejam presentes na criança.

De acordo com Santos (2012), a definição de aprendizagem é:

(...) a aprendizagem é um processo dinâmico que determina uma mudança, com a particularidade de que o processo supõe um processamento da realidade e de que a mudança no sujeito é um aumento qualitativo em sua possibilidade de atuar sobre ela. Sob o ponto de vista dinâmico a aprendizagem é o efeito do comportamento, o que se conserva como disposição mais econômica e equilibrada para responder a uma situação definida. De acordo com isto, a aprendizagem será tanto mais rápida quanto maior for a necessidade do sujeito, pois a urgência da compensação dará mais relevância ao recurso encontrado para superá-la (SANTOS, 2012, p.23).

A aprendizagem, dessa maneira, é um processo constituído por diversos fatores e, quando o sujeito apresenta dificuldades, é preciso ter o cuidado de não aceitar uma causa única relacionada a elas. Ou seja, quando um sujeito apresenta algum impedimento na aprendizagem, de acordo com a sua faixa etária, é preciso investigar os motivos pelos quais ele foi submetido para não conseguir aprender como os demais da sua mesma faixa etária.

A Fase da Educação Infantil é uma das etapas mais importante na vida de um sujeito em relação à aprendizagem. Dessa maneira, são várias as leis que implementam e organizam a Educação Infantil: a Constituição Federativa do Brasil (1988) assegura o direito das crianças à educação; e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), de 20 de dezembro de 1996 reafirmam o compromisso com a Educação Infantil.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) inseriu a Educação Infantil na Educação Básica como a primeira etapa para a formação educacional, uma forma de reconhecer o quanto é importante a educação nos primeiros anos de vida.

Em 2008 foi instituído o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil que é um documento organizado pelo Ministério da Educação e Cultura, que procurou instrumentalizar os professores na prática educativa cotidiana com as crianças em creches e pré-escolas brasileiras, respeitando a diversidade cultural do país e os estilos pedagógicos dos profissionais que lidam com as crianças dessa faixa etária.

Em 2009, há uma reorganização do atendimento da Educação Infantil instituindo as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil – DCNEI – organizando as propostas pedagógicas da Educação Infantil, que é a época em que as crianças vivenciam experiências fundamentais para sua formação, têm interação com o mundo, com todos que a cercam e consigo mesma. Atualmente, a Educação Infantil, como as demais etapas da Educação, permanece na Base Nacional Comum Curricular.

De acordo com Santos (012), a Educação Infantil Santos:

A Educação Infantil é importante fase no desenvolvimento da criança, porque é durante esta fase que as bases do ser humano começam a ser estruturadas, visto que são estimulados e iniciados os processos de formação e integração das várias áreas do desenvolvimento. (SANTOS, 2008, p. 24).

A etapa da Educação Infantil, portanto, é extremamente importante porque é responsável pelo desenvolvimento cognitivo do ser humano, reproduzindo e interiorizando as relações e atividades de forma lúdica, desenvolvendo o sujeito como um todo.

Diante disso, cada etapa do desenvolvimento de um ser humano é assinalada por diferentes mudanças. Os primeiros anos de vida, que são fundamentais, são marcados por um grande dinamismo e estas mudanças acontecem aceleradamente em todas as áreas do crescimento do indivíduo.

Enquanto as crianças crescem fisicamente, as suas capacidades cognitivas também estão em grande desenvolvimento, principalmente aquelas que se permitem reconhecer as pessoas e interagir com elas e com o meio em que vive. Para que a aprendizagem aconteça satisfatoriamente com a criança, torna-se necessário que o ambiente em que ela está inserida tenha como condição primordial um bom ajustamento afetivo. Dessa maneira, a criança precisa se sentir sempre segura e acolhida por todos envolvidos no processo de aprendizagem, que é a família e a escola, os principais ambientes em que ela está inserida.

Para Piaget (2005), a criança, na pré-escola, está saindo da fase pré-operatória (utiliza o conhecimento prático em que há necessidade do concreto para sua compreensão) e passa para a fase simbólica (usa símbolos para representar mentalmente objetos e situações que não estão presentes). Quando a criança socializa as suas ações no contexto em que está inserida, ela passa a observar a ação dos demais, utilizando então fatores de trocas de comunicação por meio, principalmente, das atividades lúdicas em que estiver participando.

Já de acordo com Vygotsky (2007), o ambiente influencia na formação do sujeito, pois suas características individuais dependem da interação do ser humano com o meio que o cerca e em que está inserido. Para o autor supracitado, a estrutura fisiológica humana, aquilo que é inato, não é suficiente para produzir o indivíduo humano, na ausência do ambiente social. Ele criou um conceito visando explicar de que forma a experiência social auxilia no desenvolvimento cognitivo, denominado zona de desenvolvimento proximal, sendo caracterizada pela distância entre o nível atual e real de desenvolvimento.

Portanto, tanto Piaget (2005) quanto Vygotsky (2007) consideram a importância do desenvolvimento da criança e a passagem pela Educação Infantil torna-se uma fase extremamente importante na vida do indivíduo e, por isso, precisa ser vista como uma das principais etapas da aprendizagem.

### **3 A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A música está presente na vida de todos os seres humanos, desde bebê, com as “cantigas de ninar” que são passadas de pais para filhos, até a mais tenra idade. Em diversos âmbitos sociais há a presença de variados tipos de música.

Como cita Brito (2004, p.31), “é difícil encontrar alguém que não se relacione bem com a música de um modo ou de outro: escutando, cantando, dançando, tocando um instrumento, em diferentes momentos e por diversas razões”. A música acompanha a história da humanidade ao longo do tempo desempenhando diversas posições, presentes em todas as regiões, em diversas culturas e em todas as épocas, sendo uma linguagem universal que ultrapassa espaço e tempo, sendo como um meio de expressão e comunicação por meio de sons rítmicos.

No decorrer de toda história humana, vários pensadores de diversas áreas, tais como filósofos, psicólogos, pedagogos, estudiosos da educação confirmam que a música tem grande relevância na formação humana. Brécia (2003) diz que, segundo Pitágoras, a sequência correta de sons, se tocada musicalmente em um instrumento, pode transformar os padrões de comportamento e acelerar o processo de cura. Nas épocas antigas, acreditavam que a música poderia entrar no interior do conhecimento humano.

Além disso, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular Nacional (2018):

Como visto a música pode se tornar um importante recurso no âmbito escolar facilitando o processo de construção do aprendizado tornando-o mais criativo,



descontraído e lúdico. Por isso cabe ao professor fazer o uso desta ferramenta na sala de aula, tornando as aulas mais dinâmicas, leves e criativas possibilitando uma aprendizagem mais significativa. A música é a expressão artística que se materializa por meio de sons, que ganham forma, sentido e significado no âmbito tanto da sensibilidade subjetiva quanto das interações sociais, como resultado de saberes e valores diversos estabelecidos no domínio de cada cultura. (BNCC, 2018, p. 196)

É neste contexto artístico que a música atua com um papel de suma importância na vida das crianças, faz-se como um poderoso recurso para seu desenvolvimento, pois transmite sentimento e emoção se tornando um meio de comunicação e expressão.

Ademais, a música pode ser um meio de desenvolvimento da autoestima e do equilíbrio, oferecendo às crianças a oportunidade de equilíbrio dos sentimentos de frustrações, das tensões, dos conflitos, possibilitando o seu desenvolvimento integral. A música estimula os circuitos do cérebro, ajuda no raciocínio lógico matemático, contribui para o desenvolvimento da comunicação e da compreensão da linguagem, e contribui com o desenvolvimento da percepção de sons.

A Educação, como um todo, é um cenário em que há um processo global, permanente e progressivo, que precisa de diferentes modelos de estudos para melhorias e aprimoramento, pois sempre trabalhará com as diferenças de cada aluno, já que cada uma traz consigo uma infinita diversidade de condições ambientais que lhe são próprias e que precisam de acompanhamento diferenciado.

De acordo com a BNCC (2018):

Ao longo da etapa da Educação Básica, a criança tem, entre outros, o direito de estar em convivência com outros indivíduos da mesma idade e mais velhos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro. (BRASIL, 2018, p. 40)

A Educação Infantil é o primeiro convívio que a criança tem com o ambiente escolar, ela se dá na idade de 0 a 3 anos em creches, não obrigatório; e dos 4 a 5 anos na pré-escola, com obrigatoriedade.

A Pré-Escola, por sua vez, tem o papel de propiciar o desenvolvimento integral do indivíduo nos aspectos sociais, psicológicos, físicos e intelectuais. Frente a este fundamento, é essencial entender a importância deste período escolar, como ele impacta no desenvolvimento da criança e como a escola pode auxiliar para o avanço cognitivo do aluno.

Dessa maneira, a Educação Infantil, em geral, é importante para proporcionar que a criança tenha um convívio social que vá além do convívio familiar, tornando-se um

momento de grande importância para que ela possa se relacionar e conviver em sociedade, com intuito de desenvolver habilidades inerentes à formação humana, cognitiva e motora.

De acordo com as DCNEI (2009), em seu 9º artigo, na educação básica, existem 2 eixos estruturantes que são as interações e as brincadeiras, experiências nas quais as crianças apropriam-se e constroem conhecimentos por meio de suas interações e ações, com os pares e adultos que lhes possibilitem socialização, desenvolvimento e aprendizagens.

É importante a necessidade de imprimir intencionalidade educativa nas práticas pedagógicas que consiste na organização e proposição pelo educador com experiências que permitam as crianças conhecer a si e o outro. No entanto, é papel do educador refletir, selecionar, planejar, organizar, monitorar e mediar os conjuntos de práticas e as intervenções necessárias com intuito de garantir a pluralidade de situações para promover o desenvolvimento pleno das crianças (FERREIRA, 2010).

O trabalho com a música na Educação Infantil é uma ferramenta muito importante para contribuir para a formação dos seres humanos. Faria (2001) salienta que a música exerce um papel de muita importância na aprendizagem, pois as crianças desde bem pequenas ouvem músicas, onde muitas vezes é cantada pela mãe antes de dormir, chamadas de “cantigas de ninar”.

Para Faria (2011, p.24)

A música como sempre esteve presente na vida dos seres humanos, ela também deve estar presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles senso de criação e recreação. (FARIA, 2011, p. 24)

Entretanto, deve-se ter coerência, deve ser planejada, criativa e significativa, com intuito de proporcionar as crianças o prazer de cantar, ouvir, tocar e improvisar, gerando uma aprendizagem significativa, conforme cita Amato (2006, p. 36):

As crianças por si só já são criativas, almejam experimentar e conhecer coisas diferentes. Embora atividades como bandinhas, músicas para as refeições e filas de trenzinho, dentre outras, resultem em algum tipo de benefício para as crianças, restringir-se somente a isso é limitar as potencialidades década criança, em outras palavras é torná-las somente meros reprodutores dentro de uma atividade engessada e sem dinamismo, o que acaba impedindo uma das coisas que a música mais provoca no indivíduo, que é a ação espontânea.

Assim, como diz o ditado popular, a criança aprende brincando, pode-se também usar o termo para a música e dizer que a criança aprende cantando. Na escola, isso é possível e necessário para a aprendizagem.

Existem várias formas, tempo oportuno e espaço adequado para o professor utilizar a música em seu ensino, tais como: recepcionar os alunos, ela pode servir como comando, antes de pegar um brinquedo, ao chegar a hora de guardar o brinquedo, ao fazer fila, ao fazer a higiene, ao ir para merenda, ao ir e voltar do parquinho, antes de uma contar uma história, para fazer silêncio. Pode-se também ser utilizada para aprender os números, letras, formas. Mas pode também ser apenas ouvida ou livre para a criança usar a imaginação e a colocar em prática, gerando um momento de descontração, de interação com os colegas. (DCNEI, 2009).

Além de na prática existir este leque de oportunidades de o professor aplicar o uso da música dentro e fora da sala, a internet oferece uma infinidade de músicas para serem apresentadas e trabalhadas com as crianças. A música, aqui, de acordo com Rosa (2001), é vista como um recurso a ser utilizado pelo professor com seus alunos para trabalhar o lúdico na educação infantil, não se trata de aula de música que trabalha técnicas, notas musicais.

O uso da música como uma ferramenta para o ensino na educação contempla também alguns dos campos de experiências definidos pela Base Nacional Comum Curricular (2018), tais como: corpo, gesto e movimentos. A música, neste sentido, permite que a criança possa explorar o espaço, o mundo e os objetos do seu entorno, estabelecendo relações, brincando e produzindo conhecimento sobre si e o outro, sobre a cultura e o universo social.

Em relação a traços, sons, cores e formas, estes permitem a criança conviver com diversas manifestações artísticas, culturais, locais, universais e científicas, e neste contexto a música permite à criança diversificadas experiências de vivenciar as diferentes formas de expressão.

A música é parte do cotidiano infantil e, em todas as atividades desenvolvidas, ela se torna presente fornecendo suporte para uma aprendizagem significativa, ensinando valores morais e éticos, tendo em vista as rotinas desenvolvidas nas salas de aula que atendem as crianças (AMATO, 2006).

Além disso, Ferreira (2010), sobre a música na formação da criança, diz que:

É indubitável que a música colabora efetivamente para a formação plena da criança, por isso aproveitar essa fase da educação infantil é muito relevante por ser um período ideal para que o cérebro receba dos mais diversos estímulos, considerando o fator de que ele está no amplo processo de fomentação, e culminando na construção do seu conhecimento musical. (1993, p.19)

Enfim, a música está presente na vida dos seres humanos desde muito cedo, não existe nenhuma exceção, todos, de alguma forma, têm contato com a música, portanto, levá-la para dentro da sala de aula e colocá-la em prática não é uma tarefa difícil de ser aplicada, e gera vários benefícios. Sendo assim, o professor tem um leque extenso de possibilidades para trabalhar com música na sala de aula, aperfeiçoando as habilidades cognitivas e motoras, promovendo a socialização, a interação, possibilitando que a criança se comunique e se expresse, tornando as aulas mais alegres, descontraídas, construtivas e leves, permitindo que os alunos tenham uma aprendizagem mais significativa.

#### **4 CONCLUSÃO**

O processo de aprendizagem é intrínseco ao ser humano. Desde que nasce, o sujeito nasce com potencial e já passa por processos intensos de aprendizagem como um todo. Para que isso aconteça, é preciso receber estímulos de todas as maneiras para que desenvolva ainda mais sua capacidade cognitiva.

A música, mesmo sendo entendida apenas como uma arte, está presente ela esteve presente em diversas ocasiões ao longo da história dos seres humanos e em diversos ambientes que o sujeito vive, se tornando parte da vida do ser humano.

A Educação Infantil, como é a primeira etapa da Educação Básica, é uma das mais importantes no processo de aprendizagem do ser humano. Para tanto, o trabalho que é feito nessa etapa tem se tornado, cada vez mais, importante no desenvolvimento do ser humano.

Desde a Educação Infantil, quando a criança é inserida no ambiente escolar, é preciso que o professor compreenda a aprendizagem dos seus alunos nessa fase e elabore de forma prazerosa o trabalho para atingir a todos os alunos e, por este motivo, a música se torna uma grande aliada para o processo.

Mas para que isto aconteça de maneira produtiva, adequada e prazerosa, o professor da Educação Infantil precisa ter um olhar diferenciado e atento, de forma que faça com que em todos os momentos possa utilizar a música nas atividades diárias da sala de aula.

Conclui-se com essa pesquisa que a música na Educação Infantil é de suma importância para o processo de aprendizagem das crianças. Ela está presente em todos os momentos dentro do contexto escolar. Portanto, a escola é importante no desenvolvimento cognitivo do seu aluno e a inserção da música no contexto escolar na Educação Infantil, faz

com que aprendam de maneira prazerosa e com qualidade no processo de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

AMATO, R. de C. F. **Breve retrospectiva histórica e desafios do ensino de música na educação básica brasileira.** Revista Eletrônica da ANPPOM. V, 12, n.1. 2006. P. 1-10.

BARBOSA, L. M. S. **A Psicopedagogia no Âmbito da Instituição Escolar.** Curitiba: Expoente, 2015.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, Vol.1 1998.

\_\_\_\_\_, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília, 2009.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRITO T. A. de. **Música na Educação infantil:** Propostas para a formação integral da criança. Rio de Janeiro: Ed. Petrópolis, 2004.

FARIA, Márcia Nunes. **A música, fator importante na aprendizagem.** Curitiba: Expoente, 2011.

FERREIRA, M. **Como usar a música na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2010.

RELVAS, M. R. **Neurociências e transtornos de aprendizagem:** as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva. Rio de Janeiro: WAK, 2011.

ROSA, N. S. S. **Educação musical para a pré-escola.** São Paulo: Ática, 2001.

SANTOS, S.M.P. **O lúdico na formação do educador.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVA, A. B. B. **DDA ou TDAH em crianças e adolescentes.** Mentis Inquietas. Rio de Janeiro: Gente, 2016.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

VYGOTSKI, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

# ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E OS DESAFIOS PÓS- PANDEMIA: uma reflexão necessária

Edivânia do Carmo Ramos Oliveira<sup>1</sup>

Luciano Muniz Borges<sup>2</sup>

Lucas Eustáquio de Paiva Silva<sup>3</sup>

**RESUMO:** A pandemia do Covid-19 adoeceu o mundo e expôs outras comorbidades da sociedade pós-moderna, acentuando a polêmica em torno da educação de qualidade, que coloca em evidência a importância da educação básica na formação cidadã e crescimento de uma nação. Este estudo tem por objetivo refletir sobre a educação na primeira infância (de 0 a 6 anos) no Brasil pós-pandemia Covid-19, os principais problemas, a readaptação dos agentes escolares, as competências essenciais dessa fase escolar e o que esperar dos alunos e professores nesse novo cenário. Para tanto, discute-se os desafios da alfabetização e letramento na contemporaneidade. Metodologicamente, utilizou-se a pesquisa de revisão bibliográfica para análise dos dados. Os resultados mostram que desafios e possibilidades são inúmeros, especialmente no que se refere à formação continuada dos professores que lidam com a educação básica. Espera-se que a discussão traga um despertar crítico sobre as mudanças necessárias nas políticas públicas, investindo, cada vez mais, na formação docente para atualização de métodos e estratégias que contribuam para superar a defasagem educacional acarretada pelo isolamento social na alfabetização brasileira.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem. Alfabetização e Letramento. Pós-Pandemia. Covid-19. Formação docente.

## 1 INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 adoeceu e matou pessoas em todo mundo, e no Brasil não foi diferente. De repente, a humanidade percebeu que não adiantava muito seus avanços tecnológicos, se não estivermos atentos às questões relacionadas saúde. Foi assim, que o ano de 2020 se transformou em um marco histórico, onde muitas áreas da sociedade sucumbiram diante de um vírus invisível, mas real. Na era da modernidade, das inovações tecnológicas e da globalização, de repente, como num passe de mágica, a crise na saúde pública mundial estava instalada. (OPAS, 2020).

Vários setores foram afetados, especialmente a educação. De acordo com o IBGE (2020), “o fechamento das escolas afetou de forma considerável a qualidade do ensino, principalmente ao ensino destinado a crianças e jovens.”.

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Famart. E-mail: edivaniaoliveira1976@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador do estudo e do artigo. Professor dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart – Itaúna-MG. Graduado em História e Mestre em Ciências Sociais.

<sup>3</sup> Professor orientador do estudo e do artigo. Professor dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart – Itaúna-MG. Graduado em História. Mestre e doutor em Educação.

As estatísticas do IBGE, em julho de 2020, apontaram que a “cada 10 estudantes, apenas 7 executaram as atividades remotas.”. O que dificultou e muito o processo de aprendizagem e agravou problemas como o analfabetismo.

Não é exagero afirmar que a Covid-19 jogou luz sobre as “doenças sociais” que queríamos manter disfarçadas. Problemas como: a fome, a miséria e a precariedade da educação básica fizeram-se perceptíveis em nossos dias, especialmente, diante da retomada do ensino presencial em 2022. Foi aí que verificamos as marcas da pandemia.

As sequelas desse adoecimento global na educação tende a reverberar por anos e isso nos exige estratégias pontuais e assertivas. Mas, quais os maiores desafios encontrados dentro da comunidade escolar no retorno das aulas presenciais?

Essa é uma pergunta norteadora de muitos profissionais da educação. Isso porque a retomada do ensino presencial revelou muitas dificuldades de aprendizagem, como perda de contato da escola com as famílias e alunos; baixa alfabetização; baixa estima dos estudantes; déficit de leitura e escrita; apatia em sala de aula; desinteresse de alunos e, alguns casos, professores; dentre outros. (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2021).

Muitos docentes que retornaram para as salas de aula estão enfrentando cenários assustadores de alunos que não conseguem cumprir tarefas simples, seguir comandos e orientações básicos. A maioria dos alunos não sabe ler e escrever corretamente, não só alunos das séries iniciais do ensino fundamental 1 (1º ao 5º ano), como também alunos do ensino fundamental 2 (6º ano 9º ano).

Diante do exposto, esse estudo se justifica numa tentativa de auxiliar o debate sobre alfabetização letramento de maneira a buscarmos intervenções intencionais que sinalizem possibilidades de trabalhos recalculando rotas em prol de uma educação curativa.

O objetivo central desse estudo é, portanto, levantar um debate de práticas pedagógicas que considerem os educandos e que visem de forma mais rápida sanar as deficiências do processo de ensino e aprendizagem ao longo dos últimos dois anos devido a Pandemia da Covid-19, enfocando a importância da educação continuada de professores para lidar com esse cenário.

## **2 OS IMPACTOS DA COVID-19 SOBRE A EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL PÓS-PANDEMIA**

A Educação Básica, certamente, foi uma das modalidades educacionais mais afetadas pelas implicações pós-pandemia Covid-19. Quiçá, seja possível afirmar que essa foi a modalidade mais afetada no segmento educação, já que estamos falando da base sobre a qual se constrói novos alicerces de conhecimento e formação do indivíduo.

Historicamente, a alfabetização no Brasil sempre esteve em meio a conceitos e métodos que são alterados, de acordo com as necessidades socioeconômicas de cada período histórico da sociedade. Por causa disso, “o processo de alfabetização foi entendido por muito tempo como a estrita capacidade de decifrar o código alfabético.” (MARINHO; FERRAZ, DE SOUSA TEIXEIRA, 2022, p. 141). Em outras palavras, ler e escrever são processos muito mais complexos do que se possa aparentar.

Sob o crivo de Mortatti (2019, p. 28), “a história da alfabetização escolar tem sua face mais visível na questão dos métodos” aplicados nessa etapa. Especialmente, no final do século XIX, tivemos muitas disputas ideológicas entre as práticas “antigas” e as “novas” explicações “sobre as dificuldades das crianças em aprender a ler e a escrever, especialmente na escola pública brasileira”, conforme cita o autor.

No contexto pós-pandemia da educação do Brasil, observamos que,

A taxa de analfabetismo das crianças entre 6 e 7 anos, atingiu seu mais alto patamar no período pandêmico, considerando a escala de dez anos da Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao apontar o aumento de 28,2% (2012) para 40,8% (2021) [...]. (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2021).

Esse panorama da alfabetização evidencia que as séries iniciais (de 0 a 6 anos) foram fortemente afetadas. Quando conversamos com os professores que atuam nessa modalidade (alfabetizadores), notamos que essa parte da educação foi a mais prejudicada principalmente nos aspectos em torno da leitura e interpretação de textos. (MARINHO, FERRAZ, DE SOUSA TEIXEIRA, 2022).

A atual conjuntura reafirma que o mundo mudou. Assim como a revolução industrial modificou a sociedade e a globalização que conectou o planeta, a pandemia da Covid-19 afetou drasticamente a sociedade moderna, de maneira especial o setor educacional dos países em desenvolvimento, como o Brasil. (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2021).



Sob a perspectiva da professora Carlota Boto, diretora da Faculdade de Educação da USP, em entrevista ao programa de rádio USP, é imprescindível compreender que o período atual é, por si só, complicado.

Do ponto de vista histórico, a alfabetização requer uma atenção muito cuidadosa e presencial por parte do adulto que alfabetiza. Essas crianças podem ter tido mais dificuldade em relação ao procedimento de letramento. É necessário que haja a retomada dos processos. Além de ensinar conteúdos escolares, é necessário cuidar da criança. Nós temos que lembrar que existem órfãos da pandemia, essas crianças perderam familiares e ouvem os seus pais comentando das perdas. Então, é fundamental que a escola trabalhe essa realidade no seu interior, porque as crianças também precisam compreender o que se passa. [...]. O tema da “perda” precisa ser trabalhado no contexto de sala de aula, porque estas crianças estão crescendo no cenário de perdas constantes. (JORNAL DA USP NO AR, 2022).

Para a professora Boto, dois anos de pandemia foram suficientes para enfermar ainda mais a educação brasileira. Embora a sociedade fale da volta à vida normal, o cenário é de incertezas em todas as esferas da sociedade. “Mudanças expressivas chegaram; o EAD não é mais uma alternativa de ensino, mas sim, uma dura realidade, que quase ninguém sabia lidar com ela.”. E, na verdade, nos dias de hoje, ainda não sabemos.

O ano de 2022 marcou a retomada das atividades presenciais, seja no comércio, no turismo; nas escolas, dentre outros setores. A flexibilização das medidas sanitárias trouxe de volta as dinâmicas do período anterior à Covid-19, restam muitos resquícios, sobretudo para crianças que passam pelo período de alfabetização.

Diante dessa perspectiva, Marinho, Santos e Teixeira (2022) afirmam que a leitura de mundo e da sua própria realidade é um reforço para o letramento escrito promover a transformação do educando.

“Convém destacar que a BNCC, documento responsável pela descrição de competências e habilidades por área de conhecimento, orienta que o foco da ação pedagógica nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental deve ser a alfabetização.” (MARINHO; SANTOS; TEIXEIRA, 2022, p.142). Segundo os autores, as deficiências encontradas em sala de aula, no pós-pandemia, por muitos professores são preocupantes, uma vez que, é nessa etapa (de alfabetização e letramento) que as crianças devem desenvolver a habilidade de ler o mundo em suas múltiplas dimensões dentro do espaço social.

É importante destacar que a escola se coloca como mediadora entre a família e a vida social do aluno. Daí a importância da alfabetização se efetivar dentro de um ambiente alfabetizador adequado, que permita também o letramento, enquanto habilidade de ler e

compreender o espaço social e o mundo de forma geral, a partir de uma aprendizagem significativa (UNICEF, 2022).

Para Carlota Boto, nisso está o grande embate da educação alfabetizadora e a pandemia. “No momento em que essa criança deixa de ir para a escola, ela fica imersa no seio da família e isso não é necessariamente positivo, ela perde a oportunidade do contato com o outro, com o diferente, e esse contato é fundamental” (JORNAL DA USP NO AR, 2022).

Sabemos que durante a pandemia, um grande número de crianças foi privado do acesso ao espaço alfabetizador adequado e de mediações apropriadas feitas pelos profissionais alfabetizadores, devido à obrigatoriedade do isolamento social. A substituição das trocas de aprendizagem presenciais, tão necessária nessa etapa de vida da criança com seus pares, causaram danos significativos para o processo de ensino e aprendizagem de alfabetização (MARINHO; SANTOS; TEIXEIRA, 2022).

Como “letramento e alfabetização caracterizam-se como processos interdependentes e indissociáveis na aprendizagem do discente e estas concepções precisam ser muito bem compreendidas pelos professores alfabetizadores” (MARINHO; SANTOS; TEIXEIRA, 2022, p. 143), para desenvolvimento dos seus métodos didáticos. Logo, podemos dizer que:

[...] alfabetizar com método. Entendendo a palavra método, meta + hodós = caminho em direção a um fim, considera-se que o fim é a criança alfabetizada, o caminho é o ensino e aprendizagem das várias facetas, por meio de procedimentos adequados a cada uma delas – os procedimentos desenvolvidos de forma integrada e simultânea constituem o alfabetizar com método. (SOARES, 2016, p. 333).

Dentre tantos problemas, a pandemia ratificou que há um novo tipo de exclusão em nosso meio, a exclusão digital, que limita o acesso das comunidades mais pobres aos conteúdos liberados na internet. Embora, a virtualização seja uma realidade que veio para ficar, não podemos desconsiderar os problemas em torno da sua democratização. (MARTINS, 2021).

Sobrevivemos ao vírus, mas suas sequelas permanecem entranhadas na sociedade. Principalmente, quando pensamos que o contato presencial traz oportunidades de intervenções que acolhe os educandos de modo particular, ainda que, na coletividade. (MARTINS, 2021).

A leitura e a escrita exigem reflexões, discussões, envolvimento com a realidade cotidiana e isso ficou comprometido pelo isolamento e suas questões como medo e inseguranças variadas.

Cabe destacar que as famílias também não estavam preparadas para conduzir essa aquisição de conceitos; de ressignificar a educação. O que do ponto de vista pedagógico, é percebido com temor por muitos de nós professores. (MARTINS, 2021).

## **2.1 Os desafios da alfabetização contemporânea no contexto pós-pandemia Covid-19**

Há muito, Magda Soares (2016), professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e investigadora ferrenha na área da educação, nos predizia sobre a necessidade de mudanças e adequações aos novos contextos. Para ela, “adaptar-se a algo é perceber uma determinada necessidade ou obrigatoriedade e flexibilizar.” (SOARES, 2016, p. 15).

Sabemos que nem sempre uma adaptação a novos modelos e preceitos é fácil, mas, certamente, é necessária para promover a nossa evolução como indivíduos e sociedade. Ainda sobre o crivo da professora, é importante lembrar que a trajetória das concepções de alfabetização, sempre marcada por muitos desafios, pode ser sintetizada em duas fases: uma de método sem teoria (dimensão fonológica) e a outra de teoria sem método (dimensão gráfica). Nessa direção, a autora romper com os modelos tecnicistas quando propõe a integração dos processos que lidam com aquisição da fala e escrita (SOARES, 2020).

Em seu livro “Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever”, Soares chama a atenção sobre a necessidade de revisitar os conceitos da Psicologia sociocultural, apresentados por Vygotsky (1896 - 1934), que tratam dos processos em torno do desenvolvimento humano e a aprendizagem, especialmente a alfabetização de crianças.

Os avanços trazidos pela autora, ao propor uma articulação entre a alfabetização e o letramento, mostra a importância de equilibrar áreas de diferentes saberes, entendendo que eles não divergem entre si, mas se completam.

Extraímos para a nossa reflexão a urgência de que os profissionais que lidam com educação, sobretudo alfabetizadores, entendam os novos tempos e as necessidades dos seres, buscando a formação continuada para aprimorar seu trato com a nova realidade.

Afinal, não pode negar que:

a construção de saberes alfabetizador dentro do processo pedagógico é responsabilidade do professor, e essa **construção didática exige capacitação** para que sob diferentes perspectivas e interações os educandos consigam criar estratégias e hipóteses reconhecendo o sistema alfabético e as diversas formas de escrita que existem como possibilidades formativas desse novo leitor. (SOARES, 2016, p. 26 – grifo nosso)

Logo, inferimos que um professor precisa se atualizar sempre para que a educação venha ser de qualidade e que ela se efetive no Brasil.

Marinho; Santos e Teixeira (2022) reforçam essa ideia ao afirmarem que “as escolas são organismos vivos e que interagem com o meio, por isso, devem ter atenção total sobre o que acontece no ambiente externo”, para melhor atender a demanda dos sujeitos que nela atuam (alunos, professores e comunidade local). Isso comprova, mais uma vez, a importância da formação continuada independente do contexto. Assim como, no passado, os processos educacionais tiveram que se adaptar às mudanças da revolução industrial e a chegada da internet; agora, os agentes escolares precisam habituar-se ao contexto pós-pandemia. (MARTINS, 2021).

Vale ressaltar que as mudanças de paradigmas educacionais não é algo novo. Para Dias e Pinto (2020, p.111), há muito tempo que “a aula expositiva vem dando lugar a processos mais dinâmicos e interativos [...]”. Ele segue explicando que “isso resulta do mundo conectado à internet, que agora está na palma das mãos.”. (p.111). Ou seja, o conhecimento está em todo lugar, o desafio, agora, é transformar informação em fonte de conhecimento.

Assim, chegamos a 2022, sem grandes surpresas. Dois anos de pandemia seria a forma modeladora para novos contextos. Isto é, prelúdios das dificuldades de aprendizagem que hoje são sentidas na sala de aula. Sem dúvida, a falta de um padrão orientador, investimentos de capacitação e políticas públicas que incentivem a atualização dos docentes agravaram o processo (DIAS; PINTO, 2020).

Para tornar mais complexa a situação, no Brasil, esse cenário pós-pandêmico recai em ano eleitoral. O que acaba tirando o foco dos problemas, minimizando as discussões a respeito dos desafios da educação, já que a pauta formativa é substituída pelas urnas eleitorais. Em meio aos ataques e discussões dos candidatos, o país pouco assistiu às propostas de mudanças efetivas para a educação brasileira. Projetos que focalizem na expansão e melhoria do cenário atual. Ao contrário, vimos cortes de recursos, aumento de tanto salarial dos altos escalões dos três poderes de governo, dentre outras prioridades.

Enquanto isso, as escolas, de modo especial às públicas, seguem recebendo crianças de todos os níveis de conhecimento (e defasagem) em uma mesma sala de aula.

Outro problema importante a relatar é a superlotação das salas de aulas. Além de toda a escassez própria das escolas públicas, de recursos e pessoal, lidamos, na contemporaneidade, com espaços abarrotados e turmas mistas - com desenvolvimentos diferenciados. Os professores, por vezes, sem ajuda extra de pessoal nem estímulos financeiros, têm que apresentar resultados para os Estados e para as famílias.

É por isso, que cremos ser relevante essa discussão. Capacitar àqueles (professores) que se encontram à frente desse trabalho formativo, que geram criticidade na nação. Homens e mulheres que lidam diariamente com a formação de pessoas, tornando-os aptos a crescer para promover trocas construtivas.

Diante disso, se “acreditamos que a educação exerce forte influência nas transformações da sociedade, então, acreditamos que ela reforça a capacidade crítica do indivíduo e atesta o grau de desenvolvimento da sociedade” (DIAS; PINTO, 2020, p. 552).

## **2.2 A formação continuada: um socorro curativo na rota de uma aprendizagem alfabetizadora significativa**

Como vimos anteriormente, o processo de alfabetização, no Brasil, sempre foi algo desafiador. Depois do ensino remoto, o desafio cresceu, porque aumentaram as desigualdades e as vulnerabilidades econômicas que foram impedimentos para uma aprendizagem, minimamente, adequadas. Com isso, refletir sobre a importância da formação docente adequada, que capacite profissionais para lidar com as situações diversas (positivas e negativas) nas salas de aula da alfabetização de crianças no Brasil, é essencial para minimizar os efeitos colaterais da educação, que vem só se agravando desse o adoecimento social devido à pandemia. (MARTINS, 2021).

“Ressignificar práticas e adaptar-se ao novo cenário do século XXI é sim uma meta a ser alcançada pelos profissionais professores na retomada das atividades pós-pandemia”, (MARINHO; SOARES; TEIXEIRA, 2022, p.145). Nesse contexto, recebemos nas salas de aula milhares de crianças que estavam adentrando no ciclo de alfabetização e que foram privadas do acesso a um espaço alfabetizador adequado, bem como o acompanhamento de um profissional qualificado para estimular o seu desenvolvimento. Muitas dessas crianças foram ensinadas por famílias, sem muita instrução e até mesmo sem recursos didáticos.

Algumas, as mais carentes sequer tiveram qualquer assistência, pois muitas ficavam em casa sozinhas, enquanto seus pais precisavam sair e trabalhar (QUEIROZ; SOUSA; PAULA, 2021).

As deficiências alfabetizadoras aparecem quando as crianças não são alfabetizadas na idade adequada. Assim, prevemos que as reprovações e déficits nas aprendizagens tendem a ser acentuados. Num efeito cascata e acumulativo, a tendência é piorar cada vez mais, se a devidas intervenções de rota não acontecerem, em tempo hábil, de forma curativa. Criando, assim, um cenário desfavorável para o aluno, pois a educação se estabelece quando há oportunidade de crescimento e desenvolvimento adequados. (QUEIROZ; SOUSA; PAULA, 2021).

A necessidade adaptativa das escolas no período pandêmico pode servir de amparo para que os professores compreendam esse aluno e suas múltiplas realidades, um problema bem mais antigo que a pandemia da Covid-19. Como agente facilitador da aprendizagem, o professor precisa compreender o dinamismo social e as urgências preparativas de suas classes para que haja um trabalho planejado e organizado, com intervenções pontuais, conforme expos Carlota Boto em entrevista a Rádio USP. (JORNAL DA USP NO AR, 2022).

Nessa perspectiva, a formação continuada entra como uma luz no cenário caótico atual. Ela precisa dotar o professor de instrumentos adequados para interpretar situações complexas, como a que vivemos nesse século XXI. Ela precisa, ainda, capacitar pessoas para lidar com o mundo informatizado e altamente conectado pelas tecnologias. É assim, que vamos vencendo, gradativamente, uma crise sanitária sem precedentes, que exige readequar a sociedade como um todo (QUEIROZ; SOUSA; PAULA, 2021).

Como visto anteriormente, o isolamento social tirou as oportunidades de interações entre alunos e professores, o que é fundamental para estimular mudanças e desenvolvimento do ser. Por causa disso, a postura do professor precisa ser estratégica e sensível (JORNAL DA USP NO AR, 2022).

Na sala de aula pós-pandemia, não adianta dominar teorias e compreender o desenvolvimento cognitivo das crianças, se não houver preparo profissional e muita flexibilidade. Conhecimento, atitude, mudança de métodos, boa vontade e saúde mental, são alguns dos novos ingredientes que vão compor a receita do ambiente escolar pós-moderno. Dessa forma, é preciso estímulo e empenho para fazer as aplicações adequadas

dos conteúdos escolares, de modo que, essas estimulem um avanço pedagógico assertivo. (DIAS, PINTO, 2020).

No que tange a primeira infância, não se pode perder de vista que “o processo de construção é contínuo, portanto, o fazer-se docente é precisa ser ressignificado, refletido diariamente” (MAINARDES, 2021). De outra parte, sabemos que a ausência de interação escolar gera dificuldades relacionais. Sabemos também que estas são de suma importância para promover a aprendizagem colaborativa, sobretudo, “no processo de aquisição da leitura e da escrita em que o aprendizado compartilhado, a partir da heterogeneidade dos educandos, faz com que uns aprendam com os outros, propiciando uma melhor desenvoltura dos sujeitos” (QUEIROZ; SOUSA; PAULA, 2021, 2021, p.5).

De acordo com Victor Santos (2022), do site Nova Escola, existem possibilidades de mudar esse quadro e impulsionar essa alfabetização sendo necessário recalcular a rota e identificar os pontos mais frágeis desse processo, para que se construam intervenções corretas. Como disseram professoras dos 2º e dos 3º anos das séries iniciais, é preciso focar no que é urgente e importante, a partir de percepções e reflexões, de acordo com as competências e habilidades que foram negligenciadas durante o ensino remoto e, assim, vir reparando, trazendo cura para essa situação.

Fica claro que não há, não houve e nunca haverá a tão sonhada heterogeneidade em turmas da Educação Básica, em especial na rede pública de ensino, sem grandes sequelas no meio. Essa conscientização exige estratégias diversas e plurais desse professor, já que é ele que tem contato direto com as crianças nas salas de aula. (NOVA ESCOLA, 2022).

Diante do exposto, vemos que as aprendizagens alfabetizadoras exigem muito além que sondagens sistêmicas, uma vez que precisamos criar materiais que melhorem essa aprendizagem da melhor forma possível. É preciso, ainda, que esse professor conheça a BNCC e os diálogos possíveis que cada área faz entre si, contribuindo, assim, para a vinculação de conceitos e competências, que respeitem esse cenário adverso. Só assim, ele pode convidar o aluno para uma aprendizagem mais participativa e significativa, de fato. (QUEIROZ; SOUSA; PAULA, 2021, 2021, p.5).

Outro aspecto importante a abordar é considerar o desenvolvimento de atividades inclusivas com ações estratégicas que ajudem o processo de socialização e ampliem a percepção de situações alfabetizadoras no cotidiano com iniciativas investigativas, principalmente da língua portuguesa dada suas complexidades padrão. (NOVA ESCOLA, 2022).

Isso reforça mais uma vez a importância de que se tenha uma preparação (e atualização) para essa função de mediadores dos saberes. O professor precisa ser incentivado e aprimorado. (MAINARDES, 2021)

Os saberes pedagógicos e a docência (como um todo) precisam romper com essa ideia romantizada de missão, ainda que seja bonito falar e fazer. Para o professor de carreira, para além da missão, isso é um ofício sério; e como tal, deve ser mais bem compreendido pelos que a ele praticam, para que, posteriormente, repassemos isso à sociedade e possam viver o reconhecimento correto.

Em síntese, podemos dizer que o ofício docente precisa ser refletido por si mesmo. Ele exige que o professor se confronte, se reconstrua em suas convicções.

Além de buscar por conhecimentos formais, **compreende-se que a formação continuada representa uma ação que busca a tomada de consciência de sua práxis**, da própria atividade pedagógica. Este processo de contínua atualização e aperfeiçoamento garante segurança ao professor e permite-lhe visualizar novas perspectivas na sua atuação. (MARINHO, FERRAZ, DE SOUSA TEIXEIRA, 2022, p.151 – grifo nosso).

Os saberes pedagógicos direcionam e dinamizam as relações dos educandos, assim ao buscar qualificação e se preparar para as novas contextualizações sociais o professor mostra respeito para com seus alunos e para consigo. Principalmente, na alfabetização e no letramento, visto que ao atrelar seu trabalho a uma constante capacitação promovem na educação básica reflexões sobre seu valor, suas concepções, sendo essa a primeira etapa formativa e dinâmica essencial para as que virão futuramente. (MAINARDES, 2021)

Diante dos contextos vividos, bom senso e equilíbrio fazem toda diferença, assim como a necessidade de ponderar se é importante regredir, em algum aspecto e momentaneamente, para, posteriormente, conseguir avançar. Tudo isso, por meio de planejamentos sistematizados, com objetividade, de modo que levem os estudantes a uma formação significativa dentro da ambiência de uma aprendizagem mais saudável e motivadora, onde ensinar e educar caminhe junto, possibilitando recriar tempos escolares e as relações. (MAINARDES, 2021)

Fazer desse retrocesso inevitável à oportunidade de uma educação mais integral e motivadora para os novos tempos que se apresentam diante de nós.

Averiguar os desafios que foram e são enfrentados no processo de alfabetização pós-pandemia representa a necessidade de metodologias que se complementam para essa perspectiva informacional do século XXI, novas reflexões e a superação de teorias



estáticas que se refazem conforme a nova realidade principalmente no que diz respeito às leituras (PRAXEDES, DOS SANTOS, DE ARAÚJO, 2022).

O professor alfabetizador precisa ser intencional e isso é compreendido nas capacitações e novos suportes técnicos para que sua atuação em ambientes virtuais e mistos dê segurança para esse novo aluno. Isso porque é função da alfabetização promover diálogos entre o novo e o passado (PRAXEDES; SANTOS; ARAÚJO, 2022).

É função de a alfabetização promover autonomia e criatividade a partir de alinhamentos e adequações a cada nova aula. Determinando rotinas e estruturando recursos adequados numa rotina organizada (PRAXEDES; SANTOS; ARAÚJO, 2022). Os autores ainda afirmam que essas intervenções são aprendidas e reconfiguradas quando há empenho aliado à experiência, para que o sucesso escolar se efetive o que justificaria nossas propostas de ampliar o processo formativo com cursos e aprofundar os conhecimentos dos docentes que transmitem o conhecimento as crianças nas escolas atuais.

### **3 CONCLUSÃO**

No tocante ao estudo realizado, concluímos que a Alfabetização e o Letramento foram afetados de forma significativa em sua qualidade devido ao isolamento social obrigatório.

Sendo essa uma etapa importante do processo formativo e acadêmico dos sujeitos, já que a Educação Básica alicerça as demais etapas educativas é preciso que os estudiosos da educação atentem em suas reflexões de modo a instituir intervenções curativas dessa que é uma sangria educacional no Brasil contemporâneo.

Notadamente, transformar a educação básica exige empenho e capacitação dos educadores. Não há como buscar culpados. O movimento necessário a ser feito é um trabalho que exige acolhimento, sensibilidade e posicionamento.

Se antes tínhamos uma crença de que é o professor quem tem em suas mãos a habilidade necessária de conduzir os alunos aos novos conhecimentos e validar as aprendizagens. Agora temos certeza! A pandemia tornou isso mais evidente, quando a ausência de um mediador de aprendizagem preparado fez com que inúmeros problemas, fossem identificados no retorno das aulas presenciais, e isso é algo sério que exige aprofundamento e pesquisa.

Nessa retomada do ensino presencial, em 2022, verificamos que as sequelas desse adoecimento global na educação tende a reverberar por anos e isso nos exige estratégias pontuais e assertivas criadas por profissionais capacitados e comprometidos com seu fazer pedagógico.

Muitos de nossos alunos não sabem ler e escrever, nas duas etapas do ensino fundamental, portanto é preciso que assumamos nossa responsabilidade e a partir das identificações desse adoecimento na aprendizagem busquemos por práticas que facilitem um trabalho coletivo e curativo.

## REFERÊNCIAS

DIAS, Érika; PINTO, Fátima C. F.. A Educação e a Covid-19. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação** [online]. 2020, v. 28, n. 108, p. 545-554. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002801080001>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

MARINHO, Danielle C.; SANTOS, Fernanda S.; TEIXEIRA, Cenidalva M. S.. Impactos da COVID-19 na alfabetização: uma reflexão sobre os contributos da formação continuada de professores alfabetizadores. **Conjecturas**, v. 22, n. 14, p. 139-153, 2022. Disponível em: <<http://www.conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1773/1306>>. Acesso em: 26 dez. 2022.

MAINARDES, Jefferson. Alfabetização em tempos de pandemia. *In.*: CONSTANT, E. (org.). **Políticas e Práticas de Alfabetização (livro eletrônico):** perspectivas autorais e contextuais. Rio de Janeiro: VW, 2021. [Vários organizadores]. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/541010142/Ebook-FEARJ>>. Acesso em: 26 dez. 2022.

MARTINS, Arthur T.. **Uma Reflexão Sobre os Planos de Estudos Tutorados da Rede Estadual de Minas Gerais [manuscrito]:** PET's da Educação Infantil. 2021. Disponível em: <[https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/3322/1/MONOGRAFIA\\_UmaReflex%C3%A3oSobre.pdf](https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/3322/1/MONOGRAFIA_UmaReflex%C3%A3oSobre.pdf)>. Acesso em: 26 dez. 2022.

NOVA ESCOLA. **Alfabetização no 2º e 3º anos do fundamental: estratégias para o cenário atual.** Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/21190/alfabetizacao-no-2-e-3-anos-do-fundamental-estrategias-para-o-cenario-atual>>. Acesso em: 26 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Pandemia de COVID-19 aumenta fatores de risco para suicídio.** Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/10-9-2020-pandemia-covid-19-aumenta-fatores-risco-para-suicidio>>. Acesso em: 26 dez. 2022.

PRAXEDES, J. G. .; SANTOS , C. D. M. dos .; ARAÚJO, R. N. de . . Práticas alfabetizadoras pós-pandemia: relato de intervenções. **Colóquios - Geplage - PPGED - CNPq**, [S. l.], n. 3, p. p. 276-283, 2022. Disponível em: <<https://www.anaiscpge.ufscar.br/index.php/CPGE/article/view/1043>>. Acesso em: 4 jan. 2023.

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO ENFRENTA DESAFIOS APÓS PANDEMIA. Entrevista concedida a Roxane Ré. **Jornal da USP no Ar**, 1ª ed., Rádio USP,. v. [s.i.], n. [s.i.], p.[s.i.], out, 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/?p=572422>> Acesso em: 20 dez. 2022

QUEIROZ, M. de; SOUSA, F. G. A. de; PAULA, G. Q. de. Educação e Pandemia: impactos na aprendizagem de alunos em alfabetização. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 1–9, 2021. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoem perspectivas/article/view/6057>>. Acesso em: 01 jan. 2023.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Nota técnica: Impactos da pandemia na alfabetização de crianças**, 2021. Disponível em: <<https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/02/digital-nota-tecnica-alfabetizacao-1.pdf>>. Acesso em 26 dez. 2022.

UNICEF- Covid-19: **Extensão da perda na educação no mundo é grave, e é preciso agir para garantir o direito à Educação, alerta**. 2022. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-extensao-da-perda-na-educacao-no-mundo-e-grave>>. Acesso em: 20 out. 2022.

---

## **O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: uma pesquisa bibliográfica sobre o uso das tecnologias digitais e seus elementos em favor da aprendizagem**

Rafaela de Araújo Paixão<sup>1</sup>

Mailson Santos de Queiroz<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo tem como objetivo abordar a importância das plataformas digitais e da tecnologia para o processo de aprendizagem do aluno. Na era digital e na perspectiva do novo, as tecnologias trazem importantes colaborações para a prática pedagógica e para o sistema educacional, demonstrando a importância da atualização do conhecimento para acompanhar a sociedade em suas constantes mudanças. Portanto, faz-se necessária a inclusão das tecnologias no ambiente escolar, pois elas se tornaram um dispositivo de aquisição de conhecimento, exigindo um novo olhar crítico do sistema educacional, que precisa compreender a realidade social do indivíduo na era digital e criar estratégias para acompanhar essas mudanças, entendendo que as novas tecnologias abrem novas possibilidades na educação, exigindo uma nova postura do professor. O estudo pode ser considerado de natureza básica, com abordagem qualitativa, caráter exploratório e investigativo, e o procedimento usado para alcançar as informações necessárias foi a pesquisa bibliográfica. Com base nesta pesquisa, observou-se a existência de novos desafios e oportunidades para o contexto educacional, de modo que as habilidades digitais se tornaram essenciais para alunos e professores, acelerando o contexto já vivenciado pela sociedade. Nisso, cada vez mais se observa a inserção das TDICs no contexto da educação para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Tecnologia. Plataformas digitais. Educação.

### **1 INTRODUÇÃO**

O processo de aprendizagem não é um processo estático e unilateral, mas um processo multilateral que depende da interação com os outros, da experimentação individual do conteúdo e do crescimento de ideias por meio da discussão entre os participantes da aprendizagem. A partir das situações e experiências vividas por cada

---

<sup>1</sup> Pós-graduando de Alfabetização e Letramento pela Faculdade Famart. E-mail: rafaelaapaixao@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador do estudo e do artigo. Professor dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart – Itaúna-MG. Licenciado em Química. Pós-graduando em Tecnologias Educacionais e mestre em Engenharia de Materiais.

indivíduo, ao longo de sua vida, a educação se desenvolve. Portanto, a educação prepara o indivíduo para a vida, como afirma Freire (1991). Por isso, urge a necessidade da inclusão digital nas escolas, como forma de sustentar e aprimorar esses saberes surgidos ao longo do tempo.

Na era digital e na perspectiva do novo, as tecnologias trazem importantes colaborações para a prática pedagógica e para o sistema educacional, demonstrando a importância da atualização do conhecimento para acompanhar a sociedade em suas constantes mudanças. Diante disso, é fundamental pensar um novo fazer pedagógico em um momento em que a sociedade vive uma era digitalizada, além de pontuar que o bom preparo dos professores é uma das condições determinantes para o desenvolvimento de novas metodologias no processo educacional.

Portanto, é necessário renovar o que já se sabe, tanto alunos quanto professores, integrar as práticas às tecnologias mostra-se pertinente, adequar e reestruturar conhecimentos, por meio de um novo significado. Pierre Levy (1999) aborda a questão da apropriação das tecnologias digitais afirmando que duas grandes reformas seriam necessárias para que as tecnologias fossem, de fato, implementadas nas escolas. Uma delas seria a reforma no sistema educacional e, mais urgente, na formação dos professores, uma vez que “o essencial se encontra em um novo estilo de pedagogia, que favorece ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede” (p. 159).

A partir do exposto, este artigo tem como questão principal: qual a contribuição das plataformas digitais no processo de aprendizagem dos alunos na educação básica?

Lévy (1993) afirma que as tecnologias precisam ser inseridas no ambiente escolar, pois desempenham um papel fundamental no estabelecimento das referências intelectuais e espaço-temporais da sociedade. Além disso, a inclusão digital harmoniza um espaço lúdico e dinâmico na aprendizagem do aluno, facilitando o processo de ensino e aprendizagem.

Entretanto, para Lopes e Borges (2015) um dos maiores desafios dos professores atualmente é estar preparado para lidar no processo de ensino-aprendizagem no contexto de uma sociedade da informação. As novas tecnologias surgem em uma velocidade muitas vezes impossível de se especializar e ter um conhecimento específico para o contexto profissional. Diante disso, é fundamental no período atual, que os professores estejam especializados para desempenhar função integradora com os novos avanços tecnológicos em sala de aula.

Justifica-se a proposta deste estudo em razão das tecnologias e da era da informação tornarem-se populares em diversos sistemas de ensino e aprendizagem, sendo uma das ferramentas que estimula o interesse do aluno, ou seja, sendo uma alternativa positiva no processo de aprendizagem, proporcionando maior interação entre alunos e professores por meio de tecnologias que deixam o ensino mais dinâmico e flexível.

Este estudo tem como objetivo abordar a importância das plataformas digitais e da tecnologia para o processo de aprendizagem do aluno.

O estudo teve abordagem qualitativa, caráter exploratório e investigativo, e o procedimento usado para alcançar as informações necessárias foi a pesquisa bibliográfica. No que diz respeito a pesquisa bibliográfica, seu levantamento foi feito por meio de uma bibliografia pública, com a utilização de livros, monografias, teses, artigos científicos, para melhor compreensão do assunto.

A amostra foi composta por pesquisas científicas, dados observacionais e comparativos e trabalhos sobre a temática proposta. Como critérios de inclusão serão considerados em dos últimos 5 anos, com publicação entre 2017 e 2022 (com ressalva de obras clássicas), com idioma português e inglês, completos e disponíveis gratuitamente. Como critérios de exclusão serão considerados estudos fora do período de publicação, pesquisas incompletas como capítulos soltos de livros, resumos etc.

A coleta de informações foi realizada nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico. A busca acontecerá a partir das palavras chaves: Tecnologia; Plataformas digitais; Educação.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 O ensino na era digital**

A educação tem um papel importante na sociedade. Além de transmitir conhecimento, ela se compromete com a formação de cidadãos, preparando os alunos para a vida. Isso advém da promoção do desenvolvimento socioeducativo e do melhor acesso à informação, sendo o uso da tecnologia um fator fundamental na interação escolar.

Ao longo da década a tecnologia está revolucionando diferentes setores na vida social, como o ambiente de trabalho, o meio acadêmico, as relações sociais, dentre outros,

facilitando a interação e enriquecimento de conhecimento. O crescimento do campo da tecnologia modificou os paradigmas no campo da educação. O uso da internet, de mecanismos de busca, e redes sociais, ajuda os alunos a encontrarem informações mais atualizadas e relevantes disponíveis globalmente. Tal processo proporcionou ao aluno maior autonomia que diz respeito a aprendizagem.

Diante do advento da internet em diversos ambientes da sociedade, o ensino precisa ser inovador para ser eficaz. Os jovens da era atual são membros de sociedades virtuais que se comunicam principalmente através do meio digital.

Marc Prensky, escritor e palestrante americano sobre educação, utiliza do termo 'nativos digitais' para se referir aos nascidos na era da internet, neste caso, os jovens estudantes da atualidade. O autor Azevedo et al (2018) exemplifica melhor ao destacar que são os indivíduos que nasceram e cresceram com as tecnologias digitais presentes em sua vivência

Neste mesmo contexto, segundo Prensky (2001) as pessoas restantes são os 'imigrantes digitais'. Esta categoria inclui naturalmente a fraternidade docente. Prensky discute as implicações dessa distinção entre os 'nativos' e os 'imigrantes' no campo da educação como baseado na era digital, em que os professores estão lutando para ensinar uma população que fala uma língua inteiramente nova.

Com isso, reconhece-se que a era digital no ambiente escolar compreende competências técnicas, audiovisuais, comportamentais, críticas e sociais que permitem aos utilizadores aprender, comunicar, socializar e contribuir no espaço digital.

A inclusão de tecnologias nas escolas traz mudanças e incrementos de conhecimento. Quando os indivíduos têm acesso ao conhecimento digital, aprendem com o conhecimento do outro e compartilham diferentes aprendizados, ocorrendo redes de interações e experiências, interferindo, assim, no desenvolvimento das pessoas (SANTOS; SARAIVA; BIDÁ, 2020).

Para educar na era da informação ou na sociedade do conhecimento, é necessário extrapolar as questões de didática, dos métodos de ensino, dos conteúdos curriculares, para poder encontrar caminhos mais eficientes e congruentes (MORAES, 1999). Nesse contexto, o uso das tecnologias como ferramenta pedagógica precisa estar pautado em sugestões pedagógicas planejadas, baseadas em entendimentos que permitam a aplicabilidade de tecnologias inovadoras que potencializem o processo de ensino e tornem

a aula mais atrativa, interativa e sistematizada, contribuindo para um processo proativo de ensino.

Vianna e Ferreira (2018) afirmam que a prática educativa é uma atividade social, que visa ensinar conhecimentos, tanto científicos quanto culturais, sendo um exercício que trabalha a realidade social do indivíduo. Portanto, a inclusão de tecnologias nas escolas é de fundamental importância, uma vez que auxilia o processo de ensino, o que traz grandes benefícios para a educação, pois elas auxiliam no processo de assimilação dos alunos dos conteúdos trabalhados em sala de aula e envolvem o conhecimento de forma prática e maneira dinâmica.

Diante da era da informação, na qual as tecnologias se tornaram um instrumento fundamental no processo de ensino e aprendizagem, é necessário, portanto, que as escolas se reinventem e as incluam em seu planejamento escolar.

Com o crescente desenvolvimento tecnológico, existe uma civilização em tempos de mudança, na qual os meios de comunicação social chegaram-se onipresentes, determinando cada vez mais comportamentos, atitudes, valores e estilos de vida. Imersos em um universo audiovisual, cada vez mais complexo, crianças e jovens devem assimilar e reacomodar seus códigos comunicacionais para captar o ritmo vertiginoso e as mudanças que a realidade lhes impõe (SANTOS; SARAIVA; BIDÁ, 2020).

A acessibilidade da informação e os constantes direcionamentos do conhecimento alteram as estruturas de organização e funcionamento do sistema educacional. Trazer desafios às instituições de ensino, não apenas para incluir as novas tecnologias em seus conteúdos de ensino e reconhecer a percepção dos alunos sobre elas, mas também para desenvolver, desenvolver e avaliar práticas pedagógicas que gerem o desenvolvimento do conhecimento por meio das tecnologias. Portanto, para o uso coerente das ferramentas digitais, que em alguns casos não são compreendidas pela maioria dos alunos e professores de forma coerente e sistematizada, é necessário que o professor esteja familiarizado com as tecnologias, para ensinar e, os alunos, estejam dispostos aprender a usar essas ferramentas a favor da ciência (SOUSA; BORGES; COLPAS, 2020).

Segundo Vianna e Ferreira (2018), o ensino e a aprendizagem precisam estar relacionados à realidade social atual, atentando para as informações que devem ser acessadas e para o conhecimento que precisa ser construído pelo aluno.

A literatura reconhece que é fundamental projetar mecanismos para captar a atenção e facilitar a motivação dos alunos quando o processo de ensino-aprendizagem,



visto que atualmente houve a inserção de novas formas de comunicação no meio digital, culminando em modificações das aulas tradicionais em sala de aula. Portanto, conforme Alves et al (2020), há uma busca por elementos motivacionais que conectem com os alunos, levando ao uso de alguns recursos didáticos inovadores.

Nesse sentido, segundo Alves et al (2020), aprender de forma lúdica é um incentivo motivacional para os alunos. Esse fato encontra fundamento sólido na perspectiva da neuroeducação, que, a partir do estudo do cérebro e da neurociência, permite a descoberta de novas metodologias e recursos didáticos como recursos digitais ao ensino nas salas de aula para promover uma aprendizagem mais significativa entre os alunos.

Diante das necessidades da sociedade atual, faz-se necessária a inclusão das tecnologias no ambiente escolar, pois elas se tornaram um dispositivo de aquisição de conhecimento, exigindo um novo olhar crítico do sistema educacional, que precisa compreender a realidade social do indivíduo na era digital e criar estratégias para acompanhar essas mudanças, entendendo que as novas tecnologias abrem novas possibilidades na educação, exigindo uma nova postura do professor.

## **2.2 A inclusão tecnológica no processo de aprendizagem**

A escola desempenha papéis essenciais na sociedade. Tem a função de socializar e democratizar o acesso ao conhecimento e promover a construção moral e ética dos alunos, promovendo a formação de indivíduos críticos, contribuindo para uma transformação pessoal e social, possibilitando a inclusão digital de forma a favorecer o aprendizado dos alunos.

Sousa, Borges e Colpas (2020) afirmam que os envolvidos no processo de aprendizagem não podem ignorar a presença das tecnologias, sabendo de sua importância na sala de aula e na construção do conhecimento. Compreende-se, portanto, que as tecnologias têm sido uma necessidade nas escolas. À medida que a sociedade melhora, novos conhecimentos e diferentes ferramentas surgem para auxiliar o processo de aprendizagem. Segundo Moreira et al (2020), as constantes modernizações digitais têm grande influência na sociedade. Sua inclusão no processo de apropriação do conhecimento é fundamental.

A escola é um local de ressignificação dos conteúdos, promovendo a interação e aproximação de vínculos com a comunidade. Assim, pode-se compreender a realidade dos

alunos e buscar estratégias de intervenção inserindo tecnologias no processo de aprendizagem. Visto que o cenário atual é caracterizado pela era digital, a escola não pode deixar de atender às exigências atuais, que exigem utensílios digitais, em benefício do trabalho realizado em sala de aula.

Portanto, o acesso e um bom planejamento para a inclusão digital no sistema educacional, possibilitam o contato com diferentes culturas, o compartilhamento e a multiplicação do conhecimento. Precisamos criar uma sociedade mais justa, onde todos tenham acesso à informação. Portanto, é importante que a escola crie meios para incluir as tecnologias e que todos os alunos possam participar da construção do conhecimento tecnológico.

A Covid-19 acelerou o uso dessas tecnologias na educação, fazendo com que instituições de ensino, professores e alunos se adaptassem às novas formas de ensinar, com uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC`s) e com pouca adaptação curricular e acesso democrático a essas novas formas de ensino. No Brasil, o termo utilizado foi 'Ensino Remoto Emergencial', que determinou a virtualização do ensino por meio da migração do ensino presencial para plataformas online, de forma que, embora não fosse algo planejado anteriormente, a área de Tecnologia da Informação tornou-se extremamente importante para a educação (ALMENARA et al., 2021; HOLANDA et al., 2021).

Nesse contexto, a disponibilização de artefatos tecnológicos, como celulares, computadores e tablets com acesso à internet, tornou-se fundamental para o acesso integral à educação (ALMENARA et al., 2021; HOLANDA et al., 2021).

Portanto, embora esses novos tempos tenham trazido muitas dificuldades, também trouxeram alguns aspectos positivos que, de alguma forma, já estavam presentes no setor. O primeiro deles foi a melhor preparação para a nova revolução industrial, a Indústria 4.0, uma vez que os alunos gradualmente se envolvem com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) (MARTINS, 2019).

Com isso, as TDICs possibilitaram a criação de novas formas de aprendizagem, permitindo mais autonomia ao aluno e acesso a outras instituições de ensino que antes não eram acessíveis, seja por uma questão geográfica ou por alguma outra limitação de acessibilidade (ALMENARA et al., 2021).

Na perspectiva do processo de ensino e aprendizagem, pode dizer-se que existem diferentes estratégias que podem ser utilizadas para o trabalho do professor,

nomeadamente: a aula expositiva dialógica, o brainstorming, o mapa conceptual, a resolução de problemas, o estudo de caso, o painel, o fórum, a oficina, o estudo do meio ambiente e outros. São estratégias de ensino que trazem consigo diferentes predominâncias de pensamento e dinâmicas de atividade que podem ser aplicadas no ambiente de ensino (ANASTASIOU; ALVES, 2005).

As instruções de sala de aula tradicionais não fornecem um ambiente de aprendizado imediato, avaliações mais rápidas e mais engajamento. Em contraste, as ferramentas e a tecnologia de aprendizagem digital preenchem esse vazio. Algumas das eficiências fornecidas por essas tecnologias são simplesmente incomparáveis com as metodologias de aprendizado tradicionais.

Com smartphones e outras tecnologias sem fio se tornando populares entre o público em geral, faz sentido que as escolas e instituições de ensino façam uso eficiente deles colocando a tecnologia na sala de aula. De fato, a adaptabilidade da tecnologia de hoje e o caráter não intrusivo tornam o aprendizado mais atraente para a próxima geração. No entanto, pode ser uma técnica formidável para gerenciar inicialmente, uma vez que os instrutores tradicionais hesitam em incluir tecnologia e dispositivos contemporâneos na escola, vendo-os como uma distração em vez de um auxílio de aprendizado inteligente.

### **2.3 Formação continuada e a utilização da tecnologia pelos professores**

A inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) na educação determinou uma reestruturação do trabalho didático e configurou-se em uma nova modalidade pedagógica, reduzindo a importância da proximidade física e geográfica nas interlocuções entre os indivíduos (PEREIRA, 2022). Os limites para adquirir conhecimento são reduzidos em razão da evolução tecnológica e suas diversas formas de interação e comunicação, determinadas pelas tecnologias digitais. A disponibilidade de novos recursos tecnológicos sugere transformações nas atividades dos indivíduos e conseqüentemente na sociedade contemporânea (SOUSA; BARRETO; SOARES, 2017).

A inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação no processo de ensino e aprendizagem proporciona uma nova modalidade que agrega positivamente, oferecendo oportunidade de formação acadêmica e profissional, com interação entre alunos e professores por meio de novas tecnologias que deixam o ensino mais dinâmico e flexível.

Assim, o aluno possui flexibilidade de horários e locais de estudo, uma vez que é possível acessar o ambiente virtual de qualquer computador com conexão à internet (FURTADO; COSTA; PEREZ, 2018).

Entretanto, tendo em vista os benefícios abordados sobre as tais tecnologias, é preciso refletir sobre a importância da formação continuada na docência de educadores que já atuam na função. Segundo Machado et al (2021), a formação do professor é constituída por um processo duradouro, e envolve diversas experiências de aprendizagem e atividades intencionais para o benefício deles, grupos ou escolas, beneficiando a qualidade da educação. O processo de formação docente pode ser feito individualmente ou coletivamente, através da revisão, renovação e ampliação de seu compromisso enquanto agentes de transformações pedagógicas.

Camargos Junior e Silva (2019) ressaltam, portanto, a importância da formação continuada dos processos como um mecanismo eficaz e necessário para suprir lacunas da formação inicial, proporcionando uma prática educacional mais consoante com as necessidades dos alunos, principalmente, na contribuição dos processos de produção do conhecimento e no desenvolvimento intelectual e cultural dos alunos com a utilização efetiva das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Com os avanços proporcionados pelas tecnologias digitais na sociedade, de forma geral, é relevante considerar que o ambiente escolar precisa ser redimensionado para atender as demandas atuais (MARTINS, 2020). Deste modo, a formação inicial e continuada do professor deve ser voltada para a utilização das tecnologias de comunicação, visto que tais tecnologias estão em constante evolução, conseqüentemente, acontecerá o fortalecimento da educação e a autonomia do professor no uso das tecnologias digitais nas práticas pedagógicas (MACHADO et al, 2021).

### **3 CONCLUSÃO**

Com base nesta pesquisa, observou-se a existência de novos desafios e oportunidades para o contexto educacional, de modo que as habilidades digitais se tornaram essenciais para alunos e professores, acelerando o contexto já vivenciado pela sociedade. Nisso, cada vez mais se observa a inserção das TICs no contexto da educação para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

Por meio de pesquisa bibliográfica, podem ser destacadas como principais pontos do trabalho, as conclusões de que, as tecnologias digitais auxiliam no desenvolvimento de habilidades que exigirão atuação profissional dos alunos, como resolução de problemas, criação de estruturas de pensamento e compreensão de processos. Eles também estão se preparando para um futuro mais imprevisível e mutável, no qual a tecnologia desempenhará um papel crítico. As qualidades e habilidades adquiridas pelos alunos serão essenciais para o seu sucesso profissional. Recursos educacionais e ferramentas digitais ajudam a melhorar o clima da sala de aula e tornam o processo de ensino-aprendizagem mais atraente. Além disso, eles dão a cada instituição de ensino maior flexibilidade e personalização do currículo com base nas necessidades de cada aluno.

## REFERÊNCIAS

ALMENARA, Julio Cabero et al. **La evaluación de la educación virtual: las e-actividades**. RIED. Revista Iberoamericana de Educación a Distância, 2021.

ALVES, Angela Gilda et al. **Tecnologia de informação e comunicação no ensino de enfermagem**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 33, 2020.

ANASTASIOU, Lea das Graças Carmargo; ALVES, Leonik Pessate. Estratégias de ensinagem. **Processos de ensinagem na Universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 5ª ed. Joinville: Univille, 2005.

AZEVEDO, Daniela Simone et al. **Letramento digital: uma reflexão sobre o mito dos “nativos digitais”**. RENOTE, v. 16, n. 2, p. 615-625, 2018.

CAMARGOS JÚNIOR, Artur Pires; SILVA, Edson Vieira. **Formação continuada de professores alfabetizadores no contexto da cibercultura: Contribuições à utilização de tic na sala de aula**. Brazilian Journal of Development, v. 5, n. 10, p. 22321-22345, 2019.

COSTA, Maria da Conceição dos Santos; FARIAS, Maria Celeste Gomes; SOUZA, Michele Borges. **A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Formação de Professores no Brasil: retrocessos, precarização do trabalho e desintelectualização docente**. Movimento-revista de educação, n. 10, p. 91-120, 2019.

FREIRE, Isa Maria. **Barreiras na comunicação da informação tecnológica**. Ciência da Informação, v. 20, n. 1, 1991.

FURTADO, Ulisses de Melo; COSTA, Ângelo Gustavo Mendes; PEREZ, Francisca Monteiro da Silva; FERNANDES, Jéssica de Oliveira; BEZERRA, Kalyn Kegia Cardoso. **O papel do Professor na Educação a distância: características, desafios e posições**.

XV Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância – ESUD. Natal, Rio Grande do Norte, 2018.

HOLANDA, Rochelly Rodrigues et al. **Educação em tempos de COVID-19: a emergência do EAD nos processos escolares da rede básica de educação.** 2021.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da inteligência.** Editora 34, 1993.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LOPES, Alice Casimiro; BORGES, Veronica. **Formação docente, um projeto impossível.** Cadernos de pesquisa, v. 45, n. 157, p. 486-507, 2015.

MACHADO, Giovanni Bohm et al. **O uso das tecnologias como ferramenta para a formação continuada e autoformação docente.** Revista Brasileira de Educação, v. 26, 2021.

MARTINS, Ana Ligia da Conceição Ferreira. **A Formação Continuada do Professor nas TICs.** Revista Psicologia & Saberes, v. 9, n. 16, p. 118-135, 2020.

MARTINS, Maurício Rebelo. **Educação e tecnologia: a crise da inteligência.** Educação UFSM, v. 44, 2019.

MORAES, Raquel de Almeida. **A política de informática na educação brasileira: do nacionalismo ao neoliberalismo.** Linhas Críticas, v. 5, n. 9, p. 7-30, 1999.

MOREIRA, Maria Eduarda Souza et al. **Metodologias e tecnologias para educação em tempos de pandemia COVID-19.** Brazilian Journal of Health Review, v. 3, n. 3, p. 6281-6290, 2020.

PEREIRA, Ana Carolina Reis. **Os desafios do uso da tecnologia digital na educação em tempos de pandemia.** ETD: Educação Temática Digital, v. 24, n. 1, p. 187-205, 2022.

PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, imigrantes digitais parte 2: eles realmente pensam diferente? No horizonte,** 2001.

SANTOS, Vanessa Martins; SARAIVA, Guilherme Marzol; BIDÁ, Adriano Gonçalves. **Plataformas Digitais na Educação: Um olhar sobre a experiência docente.** In: Congresso Transformação Digital. 2020.

SOUSA, Galdino Rodrigues; BORGES, Eliane Medeiros; COLPAS, Ricardo Ducatti. **Em defesa das tecnologias de informação e comunicação na educação básica: diálogos em tempos de pandemia.** Plurais Revista Multidisciplinar, v. 5, n. 1, p. 146-169, 2020.

SOUZA, Lázaro Fabrício de França; BARRETO, Laura Amélia Fernandes; SOARES, Isabela Goés dos. **Educação A Distância: Desafios E Possibilidades De Aprendizagem Na Percepção Dos Discentes De Enfermagem.** Relatório de Pesquisa (Graduação). Instituição de Ensino Superior no município de Mossoró/RN. Rio Grande do Norte, 2017.

VIANNA, José Antonio; FERREIRA, Telma Antunes Dantas. **Plataforma digital de educação: a percepção dos professores**. e-Mosaicos, v. 7, n. 14, p. 104-120, 2018.

## MÉTODOS DE ENSINO DO INGLÊS: uma análise de atividades em um livro didático formulado segundo a BNCC

Thiago Lima Melo<sup>1</sup>  
Pauliane Aparecida de Morais<sup>2</sup>

**RESUMO:** Considerando a promulgação da nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular), ocorrida em 2017, bem como as orientações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de 1999, vemos um espaço destinado para discussões em torno da Língua Estrangeira, principalmente o Inglês, que passou a ser obrigatório para os alunos do 6<sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental até o 3<sup>a</sup> ano do Ensino Médio. Sem nos determos em aspectos legislativos, pretendemos elencar as principais habilidades e competências a serem atingidas no ensino do Inglês, considerando como contraponto alguns dos métodos de ensino de língua estrangeira e assim observar qual ou quais deles melhor contemplariam aquilo que é esperado dentro deste componente curricular. Após terem sido feitas as devidas discussões acerca dos documentos parametrizadores, da BNCC e das metodologias de ensino para o Inglês, analisaremos um livro didático de Língua Inglesa de coleção recém produzida que afirma estar seguindo as orientações desses documentos, tais como suas concepções de língua, habilidades valorizadas no ensino de língua estrangeira, eixos da oralidade, da leitura, etc; Com isso desejamos perceber se por meio do material elaborado, esse livro de fato reflete essas concepções em sua construção, trazendo estas abordagens para os textos utilizados, as atividades propostas, dentre outras. Para isso utilizaremos o arcabouço teórico de Hymes (1970), Ellis (1997), Kato (1999), entre outros.

**ABSTRACT:** Considering the promulgation of the new BNCC (National Common Curricular Base), which took place in 2017, as well as the guidelines contained in the 1999 National Curriculum Parameters (PCN's), we see a space destined for discussions around the Foreign Language, mainly English, which became mandatory for students from the 6th year of elementary school to the 3rd year of high school. Without dwelling on legislative aspects, we intend to list the main skills and competences to be achieved in the teaching of English, considering as a counterpoint some of the foreign language teaching methods and thus observe which or which of them would better contemplate what is expected within this curricular component. After the necessary discussions about the parameterization documents have been made, from BNCC and teaching methodologies for English, we will analyze an English language textbook from a recently produced collection that claims to be following the guidelines of these documents, such as their language conceptions, skills valued in foreign language teaching, axes of orality, reading, etc; With that, we want to realize if, through the material elaborated, this book in fact reflects these conceptions in its construction, bringing these approaches to the texts used, the proposed activities, among others. For this we will use the theoretical framework of Hymes (1970), Ellis (1997), Kato (1999), among others.

### 1 INTRODUÇÃO

Desde a promulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1999, muitas foram as orientações e parametrizações que impactaram o dia-a-dia escolar. Mais recentemente o mesmo se deu com a publicação da Base Nacional Comum Curricular, que

---

<sup>1</sup> Pós-graduando de 2<sup>a</sup> Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Famart. E-mail: thiago\_melo2606@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora do estudo e do artigo. Professora dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart – Itaúna-MG. Graduada em Psicologia, Especialista em Psicopedagogia e Mestre em Educação.



desde 2018 tem passado a influir no cotidiano da escola, assim como na elaboração dos livros didáticos, entre outros.

Por compreendermos a importância destes documentos e o impacto que eles têm no ensino no Brasil, este trabalho tem o objetivo de tratar os principais aspectos que cada um deles trazem a respeito do ensino de língua inglesa, como também propõe fazer a análise de um capítulo de um livro que ocorreu após a publicação da BNCC. Por meio de uma análise documental, buscaremos perceber se de fato o livro tem seguido aquilo que este documento normativo tem proposto.

Paralelo a isso, também apresentaremos quais são os métodos de ensino que perpassam a visão de ensino de língua estrangeira da BNCC e buscaremos demonstrar se estes se fazem presentes no livro didático apresentado, para quem dessa maneira possamos responder a uma de nossas perguntas norteadoras, a saber: terá a BNCC de fato sido efetivada dentro da obra analisada? Se sim, em quais aspectos ela se efetiva? Se não, o que faltou para que o livro atingisse essa efetivação?

Com estas perguntas objetivamos ver se o discurso inovador trazido pela Base Nacional Comum Curricular se apresenta apenas no manual do professor ou se de fato esta inovação se apresenta enquanto prática nas atividades propostas.

Um trabalho desta natureza se mostra como pertinente, pois, por ser a BNCC algo novo em nossas escolas, é importante analisarmos como este importante documento normativo tem se efetivado, principalmente no que toca o ensino do inglês, disciplina à qual, muitas vezes, é dedicado pouco espaço e discussão nas escolas brasileiras. Além disso, por ser um tema relativamente novo, ele se caracteriza como um campo fértil no qual pesquisa desta natureza podem contribuir.

Desta maneira, abordaremos teóricos que versam sobre ensino do inglês no contexto nacional, como Costa (2008), Oliveira (2009); outros que versam sobre metodologias de ensino como Kato (1999) e Hrashen (1987), entre outros.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

Por considerarmos os Parâmetros Curriculares Nacionais, bem como a BNCC enquanto material que subsidiará a nossa análise do livro didático, julgamos necessário apresentar a seguir as principais orientações e discussões destes textos acerca do ensino de

língua estrangeira, especificamente aquele que trata da língua inglesa, tentando trazer à tona quais as concepções de línguas que os perpassam, de que modo se espera que seja desenvolvido o ensino desta área do conhecimento, etc.

Em primeiro lugar, cumpre destacar a característica de cada um deste material, haja vista que, enquanto os PCNs são parametrizadores e buscam trazer orientações nascidas de diagnósticos e apontamentos acerca de aspectos políticos envolvidos no ensino, como também sobre práticas pedagógicas, a Base Nacional Comum Curricular se caracteriza por ter aspectos normativos que, pautados nas orientações dos parâmetros, buscam elencar as principais competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes ao longo de sua jornada no ensino básico, fazendo com que aquilo que fora apresentado nas diretrizes parametrizadoras sejam postas em prática e que sejam ampliadas.

Os Parâmetros Curriculares em 1998 trazem no bojo de suas discussões perspectivas e visões acerca do inglês que tendem a aprimorar até o que então vinha sendo feito. Com isso, podemos perceber uma preocupação que houve com o intuito de propor novos métodos para o ensino desta língua. Como início de discussão, notamos o empenho de abrir a visão sobre o que seria aprender uma língua, como veremos a seguir:

As Línguas Estrangeiras na escola regular passaram a pautar-se, quase sempre, apenas no estudo de formas gramaticais, na memorização de regras e na prioridade da língua escrita e, em geral, tudo isso de forma descontextualizada e desvinculada da realidade. (BRASIL, 1998, p. 26)

Por meio do que é exposto, podemos perceber uma visão que busca deixar de lado uma abordagem puramente gramatical, haja vista que, falar uma língua requer outros tipos de habilidades, como veremos mais à frente quando formos discutir outros tópicos. Sendo assim, o método considerado tradicional, pautado no enfoque gramatical e de tradução não é mais visto como única maneira a ser tida no ensino, nem muito menos a mais recomendada, pois justamente nos aspectos que ele mais se pauta, a saber, a escrita e a gramática, são exatamente os pontos que os PCN's aconselham não ser levados de forma descontextualizada e desvinculada. Sobre a abordagem Tradicional, Jalil e Procalio (2009, p. 775) dizem que "o enfoque do ensino e da aprendizagem girava em torno da tradução e da versão de textos literários, já que o método era usado para auxiliar os alunos na leitura destes textos em língua estrangeira."

Com isso vemos que o ensino do inglês se destinava exclusivamente em preceitos de gramática normativa, dando destaque, por sua vez, à norma culta e à modalidade escrita da língua. No entanto, é o objetivo das discussões parametrizadoras colocar em evidência

um ensino de língua baseado no desenvolvimento de competências linguísticas capaz de não só lhe permitir criar orações no idioma estudado, ou conhecer as regras gramaticais, mas também possibilitar-lhes meios de alcançar competência comunicativa, ou seja, ser capaz de se inserir dentro da cultura do idioma estudado, e desta maneira fazer com que o discente tenha meios de ter acesso às informações de vários tipos, levando-lhe a ter acesso a vários tipos de conteúdo que contribuam para a sua formação geral enquanto cidadão.

Dentro desta postulação, surge o método da abordagem comunicativa como aquele que abrangeria o que deseja os PCN's, pois para esse a comunicação exigia mais do que simples conhecimentos de regras. A abordagem comunicativa apropria-se do conceito de competência comunicativa, cunhado por Hymes (1970) para quem ser competente comunicativamente falando vai além do conhecimento linguístico que o indivíduo pode ter.

Perguntamo-nos, portanto, quais seriam estas outras competências esperadas. Jalil e Pocalio (2009) nos apresentam quatro delas, que vamos apresentar a seguir: 1. A cultural, que seria a responsável por permitir ao estudante conhecer o contexto sociocultural de produção linguística no qual ele está inserido; 2. A competência sociolinguística, que viabiliza o conhecimento de qual variante da língua utilizar, quais são as mais adequadas, etc; 3. Discursiva, que para além da língua levaria o discente a se apropriar dos mais variados gêneros textuais considerando seus aspectos cotextuais; e, por fim, 4. A competência estratégica, cuja presença conduz o aprendiz a utilizar estratégias para compensar eventuais falhas que ele tenha ao utilizar-se da língua aprendida.

Podemos perceber a forte ligação dos preceitos dos parâmetros com esta abordagem, principalmente quando o documento elenca pontos que os professores devem considerar no ensino de Língua Estrangeira, tais como: escolher o registro adequado à situação na qual se processa a comunicação; compreender em que medida os enunciados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem os produz; Utilizar os mecanismos de coerência e coesão na produção na língua estudada seja oralmente ou escrita, entre outros.

Mediante o exposto nos PCN's e pelo que buscamos focar nesta parte introdutória, vemos que as competências a serem adquiridas no estudo de uma língua não devem ser vistas de maneira desconexa, mas de uma forma "articulada, em termos dos diferentes componentes da competência linguística, implica, necessariamente, outorgar importância às questões culturais." (BRASIL, 2017, p. 30).

Na Base Nacional Comum Curricular, vemos a abertura do tópico "Língua Inglesa" com abordagens que buscam elencar estas mesmas dimensões dos PCN's, acrescentando tópicos mais específicos, já que o intuito deste é conduzir a prática docente por meio de ações que contemplem o embasamento teórico presente tanto nos parâmetros, quanto na BNCC, como vemos a seguir "É esse caráter formativo que inscreve a aprendizagem de inglês em uma perspectiva de educação linguística, consciente e crítica, na qual as dimensões pedagógicas e políticas estão intrinsecamente ligadas."

Por ser um documento de caráter normativo, a Base Curricular traz novos conceitos, bem como enfatiza os conteúdos e as respectivas áreas que devem ser abordadas durante o percurso da vida escolar do discente. Daí vem, por exemplo, a ideia dos multiletramentos, ou seja, a concepção de que no ensino da língua inglesa devem ser levadas em conta diversas competências e habilidades.

Destas concepções surgem quatro eixos que serão norteadores no ensino dos professores, são eles: a oralidade, a escrita, a leitura e os conhecimentos linguísticos. O primeiro eixo, oralidade, "envolve as práticas de linguagem em situações de uso oral da língua inglesa, com foco na compreensão (ou escuta) e na produção oral (ou fala)" (BRASIL, 2017, p.241); o segundo, sendo o responsável por estabelecer entre o discente e a língua estudada prática de apropriação textual, na qual o ensino deva possibilitar a interação entre leitor e escritor para construção de sentidos; o terceiro, eixo de escrita, levando o discente a desenvolver competências que envolvem esta prática, tais como antecipação, cogitação sobre aceitabilidade, referencialidade, etc; e por fim, os conhecimentos linguísticos, que como citados anteriormente, seriam os responsáveis por levar o aluno a ser conectado com a cultura da língua estudada.

Analisando estes traços constitutivos do ensino do inglês, podemos chegar à ideia de que ao pensarmos nos diferentes métodos de ensino para esta língua, teremos meios de aplicá-los de forma mais eficaz a depender do eixo que se deseja contemplar. A título de exemplificação, a seguir demonstraremos algumas características de cada eixo e de que maneira os métodos de ensino de língua estrangeira podem influir na ação docente.

No primeiro eixo trazido pela BNCC, a saber, a oralidade, percebemos que um dos métodos mais eficientes seria o *Audiolingual*, porque se observamos as competências exigidas para este campo, vemos os seguintes traços: "Práticas de compreensão e produção

oral de língua inglesa, em diferentes contextos discursivos presenciais ou simulados, com repertório de falas diversas, incluída a fala do professor." (BRASIL, 2018, p. 246). Fazendo um paralelo com o método Audiolingual, vemos em Jalil e Procalil (2009, p.2 78) que este método busca dar ênfase nas "habilidades orais, de forma a seguir a 'ordem natural' de aquisição de primeira língua: compreensão auditiva, produção oral, compreensão textual e, por fim, a produção textual."; o que preceitua os objetos de conhecimentos trazido nos parâmetros: Interação discursiva, produção oral e compreensão oral.

O eixo da leitura merece especial atenção, pois a abordagem desse sofreu modificações de tal forma que o que se entende por práticas de leitura em sala de aula não é visto da mesma forma que se considerava há 15 anos, por exemplo. Devido a isso vemos a recomendação da BNCC chamando a atenção para esta nova concepção, esperando-se que a leitura seja tida levando em consideração os "textos diversos em língua inglesa (verbais, verbo-visuais, multimodais) presentes em diferentes suportes e esferas de circulação." (BRASIL, 2018, p. 246). A abordagem do Método da Leitura (ML), certamente aparece como aquele que de melhor forma contemplaria as unidades temáticas tratadas na base curricular para essa área, a saber: estratégias de leitura, construção de repertório lexical, etc.

Já para o eixo da escrita, o método tradicional, referido anteriormente aqui, aparece como um meio de exercitar o aluno dentro da aquisição do domínio gráfico da língua escrita, embora seja importante lembrar que este domínio não seja o único objetivo, pois como já foi esclarecido, é o intuito da Base fazer com que todos estes eixos sejam vistos de maneira integrada e perpassados por competência além daquelas que sejam apenas estritamente linguísticas.

Aí nasce, portanto, a importância do eixo da dimensão intercultural, já que ele promoverá "reflexão sobre aspectos relativos à interação entre culturas (dos alunos e aquelas relacionadas a demais falantes de língua inglesa), de modo a favorecer o convívio, o respeito, a superação de conflitos e a valorização da diversidade entre os povos." (BRASIL, 2018, p. 248).

O objetivo principal desta parte introdutória teve três objetivos principais. O primeiro deles consistiu em demonstrar de que forma os PCN's consideraram o ensino de

língua estrangeira para o ensino público brasileiro. Em segundo lugar, houve a preocupação de trazermos as discussões presentes na BNCC, bem como em evidenciar em que ela pauta e de que forma aborda o ensino do inglês. Deste modo, tentamos evidenciar as divisões e as competências esperadas para este componente curricular. Em terceiro lugar, em paralelo com estes documentos oficiais, tentamos fazer uma discussão sobre alguns métodos de ensino de línguas, elencando suas principais abordagens e em que cenário eles melhor se enquadram.

Por fim, para encerramento desta parte, convém considerar que determinadas abordagens podem ser prioritárias para determinados aspectos, mas torna-se imperioso lembrar que nenhuma delas é absoluta e infalível, pois podem se complementar e, desta maneira, contribuir para um melhor ensino.

A seguir traremos a análise de uma unidade do livro didático para o 7<sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental *Bridges*, de Pereira *et al.*, 2018; por meio do qual tentaremos demonstrar até que ponto as considerações dos documentos oficiais têm sido atendidas. Consideraremos se para cada eixo tem sido feita atividades adequadas de acordo com a base curricular, em que tem consistido a centralidade do ensino, se na oralidade, se na escrita, leitura, etc; e se de fato tem ocorrido empenho de contemplar os requisitos exigido pelo documento normatizador em destaque.

Antes de iniciarmos a análise da primeira unidade do referido livro, convém ressaltar que devido ao espaço do qual dispomos aqui, faremos o recorte de apenas uma das unidades, para que assim possamos nos aprofundar no material nela utilizado e deste modo, a depender das competências enfatizadas dentro dele, constataremos se de fato cumpre o esperado na BNCC.

As autoras da coleção *Bridges*, no manual destinado aos professores, afirmam que todos os livros são orientados pelo que preceitua os documentos oficiais brasileiros para educação, ou seja, desde então são enfatizadas as competências, objetos de conhecimentos e habilidades preceituadas pela Base Nacional Comum Curricular.

A obra é assinalada como uma que segue uma concepção sociointeracionista da linguagem, visando à formação integral dos indivíduos, fazendo com que eles ampliem seus conhecimentos sobre sua própria língua e sobre a língua estudada, considerando, desta maneira, os fatores socioculturais que as permeiam e assim levam esses discentes a uma

formação mais ampla: "acreditamos que a educação linguística abrange não somente os fatores socioculturais que possibilitam a um indivíduo ampliar o conhecimento sobre sua língua materna ou sobre outras línguas" (PEREIRA et al., 2018, p.6).

Na sessão intitulada como "Princípios Norteadores", o livro apresenta temáticas que são pontos de discussão na base comum, apresentando-os como elementos direcionadores do conteúdo a ser estudado. As autoras tiveram o cuidado de tratar aspectos como multiletramentos, o uso da língua materna no ensino de língua estrangeira, a centralidade dos textos, etc. Para a conceituação daquele primeiro, é importante retomar um conceito de Rojo (2017) quando ele diz que:

Multiletramentos são as práticas de trato com os textos multimodais ou multissemióticos contemporâneos – majoritariamente digitais, mas também impressos –, que incluem procedimentos (como gestos para ler, por exemplo) e capacidades de leitura e produção que vão muito além da compreensão e produção de textos escritos... (ROJO, 2017 *apud* PEREIRA et al., 2018, p. 13)

Assim vemos que o material a ser utilizado afirma que fará uso das mais diversas formas de práticas linguísticas, considerando habilidades que cheguem a ir além de compreensão e produção textual escrita, já que a modalidade oral também é tida como necessária, bem como textos que envolvam aspectos multimodais.

O cuidado em discutir o uso da língua materna, no nosso caso o português, e o seu papel nas aulas de uma segunda língua, também foi tratado dentro do manual do professor, destacando que "foram selecionadas situações em que o uso da língua portuguesa nos parece essencial para mediar o aprendizado da língua inglesa e para alcançar a formação integral dos alunos."(PEREIRA et al., 2018, p.14)

O enfoque no ensino baseado nos gêneros textuais e nos discursos também ganha o cenário. Baseado no que preceitua os PCN's desde os anos 1990, a coleção reafirma seu compromisso na busca da formação de um aluno mais crítico, como vemos a seguir: "O espaço destinado a esse trabalho indica uma tentativa de aproximar dos alunos uma análise crítica da realidade que os cerca." (PEREIRA et al., 2018, p.16)

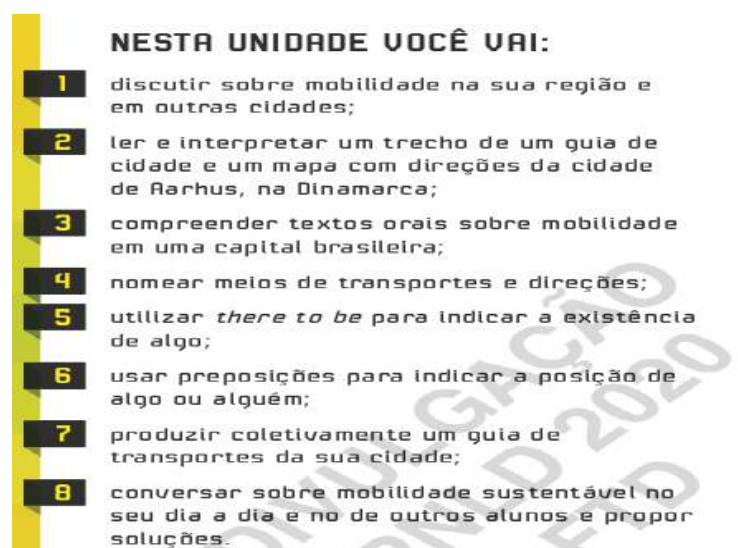
Os eixos da leitura, da escrita e da oralidade são postas em discussão no manual desta coleção. As autoras destacam para a escrita uma vivência processual, durante a qual discentes e docentes em conjuntos identifiquem dificuldades e assim consigam ir, de forma interativa, construindo uma prática reflexiva e significativa em torno da escrita.

A leitura é vista como um campo fértil no qual o professor pode buscar reconhecer fragilidades de interpretação, poucos recursos lexicais, etc., para que assim consiga planejar aulas que busquem sanar possíveis dificuldades, bem como conhecer o que os alunos já dominam.

A oralidade é apresentada como um eixo que norteia os alunos a terem maior contato com a língua falada, destacando, por sua vez, a importância de desenvolver competências de escuta, bem como de produção oral com inteligibilidade, respeitando o sistema linguístico da língua estudada, como a pronúncia.

Podemos perceber, mediante o exposto, que a obra traz muitos conceitos e abordagens apresentadas na BNCC e nos PCN's, assim como usa referências de diversos teóricos para embasar todo o seu trabalho de acordo com o que é preceituado pelos documentos oficiais. No entanto, a partir de agora passaremos a analisar o material feito para a primeira unidade, por meio do qual nos propomos a identificar os principais eixos abordados, se leitura, oralidade, escrita, e de que maneira é abordada cada um deles.

No início da unidade vemos o roteiro que será considerado na primeira parte do livro, como apresentamos a seguir de trecho da página:



**NESTA UNIDADE VOCÊ VAI:**

- 1** discutir sobre mobilidade na sua região e em outras cidades;
- 2** ler e interpretar um trecho de um guia de cidade e um mapa com direções da cidade de Aarhus, na Dinamarca;
- 3** compreender textos orais sobre mobilidade em uma capital brasileira;
- 4** nomear meios de transportes e direções;
- 5** utilizar *there to be* para indicar a existência de algo;
- 6** usar preposições para indicar a posição de algo ou alguém;
- 7** produzir coletivamente um guia de transportes da sua cidade;
- 8** conversar sobre mobilidade sustentável no seu dia a dia e no de outros alunos e propor soluções.

PEREIRA et al., 2018, p.13

Pelo que é apresentado, podemos perceber que os principais eixos a serem abordados são os da oralidade e da leitura, também sendo tangenciado o da escrita, ainda que o foco sejam os dois primeiros. Os dois gêneros utilizados consistem em um mapa e



em um guia da cidade, sendo o português utilizado como língua de uso para discussão inicial.

Visando contemplar a dimensão intercultural exposta no manual do professor, assim como está coadunado com os documentos analisados até aqui, percebe-se que o livro teve o intuito de levar em conta esta dimensão, tentando contribuir para uma dimensão cultural mais ampla para a formação dos alunos, pois ele traz questões acerca de modos de transporte (o tema da unidade) de diferentes cidades do planeta. Interessante observar que num primeiro momento não há abordagem alguma com o inglês, sendo majoritariamente o uso do português. Assim se mantém nos dois primeiros gêneros apresentados.

O primeiro, um questionário, aborda perguntas em português. Pelo que é apresentado na obra, deduz-se que o primeiro eixo a ser contemplado é o da oralidade, pois pelas perguntas feitas é possível notar que o livro busca fazer com que o professor seja mediador de discussões acerca dos diferentes meios de transportes em diferentes partes do mundo, incluindo aqueles que são presentes na realidade social na qual o discente está inserido.

Acerca deste uso do inglês para uma discussão oral, podemos constatar o surgimento de uma barreira no ensino, pois quando a presença da língua materna do aluno, no caso o português, se apresenta de forma predominante, segundo afirma Ellis (1997), há uma maior tendência para abordagem tradicional que considera mais a tradução. Sendo assim, para desenvolvimento de um eixo como a oralidade ou a escrita, colocar em destaque o uso da língua materna do discente pode ocasionar uma maior dificuldade, pois esta situação não dará ensejo para que o aluno desenvolva usos linguísticos eminentemente baseados na língua estrangeira, no caso, o inglês, como vemos em Ellis (1997, p. 51), quando ele afirma que: “os hábitos da L1 (LM) a princípio [impedem] os aprendentes de aprender os hábitos da L2 (LE)”.

A primeira inserção no inglês acontece efetivamente na segunda sessão da primeira unidade intitulada de *Dig into reading* (Se aprofundando na leitura, em tradução nossa). Nela há um questionário totalmente no idioma estudado. As três primeiras perguntas, de um total de 9, são destinadas à apresentação do gênero textual guia turístico, envolvendo diversos recursos de linguagem verbal e não verbal, tocando, por sua vez, no aspecto dos conhecimentos linguísticos abordados na BNCC.

Antes de dar continuação ao questionário, é apresentado uma parte de um texto caracterizado como guia turístico. Após indicar a leitura desse trecho, o livro traz uma série

de perguntas que levam o aluno a exercer sua compreensão textual. Contudo, embora sejam propostas perguntas de interpretação textual, as perguntas apresentam respostas erradas de certo ou errado, baseando-se na estratégia de leitura denominada *skimming*, utilizada para encontrar ideias centrais em um dado parágrafo, embora seja orientado, em apêndice do docente, o uso de perguntas que levem ao scanning, isto é, levantar perguntas que induzam os discentes a encontrar informações estratégicas dentro do texto.

No entanto, fica um pouco ausente o estudo mais aprofundado a respeito do gênero em si, o que deixa o guia turístico desconectado de seu espaço de circulação, a menos que o docente contemple tal lacuna com práticas além do livro didático, como levando os alunos a pesquisarem o espaço de circulação desse gênero, quais são os seus conteúdos comuns, etc;

Assim, podemos ver que, ao menos no quesito da leitura, ainda é possível perceber uma concepção de autor/leitor mecânica que induz o aluno a pegar respostas prontas, e não a refletir sobre como foi possível chegar até ela, por que tal tipo de informação é produzida, em que contexto está inserida, etc. Como exemplo, vejamos duas questões a seguir:

- 4** Read the first paragraph again and write the option that makes true statements in your notebook.
- The miniguide to Aarhus is for conference participants / international tourists / university students.
  - The purpose of the guide is to give information to university students / give tips to conference participants / promote Aarhus University.
  - People who dislike / don't know / live in Aarhus will be interested in reading it.
- 5** Read the second paragraph again and write the true statement in your notebook.
- There are approximately  $\frac{1}{2}$  million people in Aarhus and most are elderly.  
There are approximately  $\frac{1}{4}$  million people in Aarhus and most are young adults.
  - Aarhus is a big city.  
Aarhus is a small city.
  - The guide mentions four tourist attractions in the city.  
The guide mentions five tourist attractions in the city.
  - In Danish (the language of Denmark), "Old Town" is Den Gamle By.  
In Danish (the language of Denmark), "Old Town" is Marselisborg.

**18** MOVING AROUND

PEREIRA *et al.*, 2018, p.18

Na primeira parte desta primeira unidade, a coleção *Bridges* teve a pretensão de apresentar dois gêneros escritos. Logo após o *guide-book*, o mapa também foi colocado em estudo, desta vez trazendo questões sobre seu espaço de circulação, seus objetivos, bem como os conhecimentos que os alunos já têm a respeito deste gênero. Nestas duas

atividades, a leitura é enfatizada com constância, sendo a oralidade tangenciada por discussões na língua materna dos alunos.

Sendo assim, no eixo leitura, podemos considerar, pelo analisado, que a obra apresenta uma abordagem dentro daquilo que preceitua a atual BNCC, considerando diversas habilidades e competências dos alunos, ainda que em alguns momentos deixem à critério do professor preencher algumas lacunas que a obra deixa em aberto, como ampliação de outras habilidades leitoras que poderiam trazer mais produtividade para esta área.

A oralidade aparece como eixo de destaque na segunda parte desta unidade, identificada como *Listen Up!*. Por meio de textos orais e de proposições de atividades em busca da produção e compreensão oral, a língua inglesa é mais requisitada que a língua materna. Mesmo no texto escrito, vemos com uma certa frequência de questionários que visam discutir os pontos abordados nos áudios propostos, como pode ser visto abaixo:

**LISTEN UP!**

Depois de discutir sobre mobilidade em uma cidade dinamarquesa, você vai ouvir e interpretar um áudio sobre o transporte público em uma cidade brasileira.

1 What is the capital of Paraná? What do you know about this city? Talk to your classmates.  
Curitiba. Resposta pessoal.

Cathedral

Bus Rapid Transit (BRT) system.

Botanical Garden.

2 Resposta pessoal.  
Read a list of topics about traffic below. Then write in your notebook the ones you expect to hear

**3, 4 e 5** O áudio destas atividades foi extraído de <http://pn1.d.me/o8tivq> (acesso em: 23 ago. 2018), nos trechos entre 00:00 e 01:10; 01:38 e 01:53; 02:23 e 02:56; 04:20 e 04:49; e 06:01 e 06:24.

**INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR**

**Short film**

Um curta-metragem (também chamado de curta) é um filme com duração média inferior a 30 minutos. Assim como o média-metragem e o longa-metragem, o curta não tem tema definido.

**Curitiba**

- A antiga Catedral Basílica Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, que é chamada de Catedral Basílica Menor desde 1993, foi inaugurada em 1893 e ainda é o maior templo de Curitiba. O estilo da construção é neogótico e foi inspirado na Sé de Barcelona.

PEREIRA *et al.*, 2018, p. 23

O papel desempenhado na língua materna nesta unidade consiste na apresentação de alguns tópicos introdutórios, como pode ser visto na margem à direita. Em relação à oralidade, podemos notar um menor espaço do que aquele dedicado à leitura, por exemplo e, além disso, o livro leva o aluno a exercitar a escrita, mas a sempre recorrer à exercícios escritos como prática.






Com isso, num primeiro momento há o interesse de trazer o eixo da oralidade por meio de um método direto (de escuta e produção na língua estudada), ao mesmo tempo o espaço se resume a fazer com que os alunos desenvolvam a escrita, e se é proposta alguma discussão oral, ela é feita na língua materna do discente, o que pode levar a uma ausência que pode prejudicar o desenvolvimento das habilidades linguísticas do aluno, já que como nos afirma Almeida Filho (1998), a escola, por vezes é o único espaço no qual os discentes adquirem contato com o idioma, tornando-se, por sua vez, um local primordial para que haja o desenvolvimento de conhecimentos comunicativos na língua estrangeira.

Seguindo uma sequenciação de trazer em tópicos à parte cada um dos eixos apresentados pela BNCC, logo após terem sido apresentados os eixos da oralidade e da leitura, a escrita vem em evidência dentro da sessão *Words in action*, porém vale ressaltar que esta seção se baseia em um método de associação entre palavras e imagens. As atividades propostas requisitam que os alunos colham informações nos textos anteriores para poderem responder ao que se pede. Como podemos ver nos exemplos a seguir:

**MEANS OF TRANSPORTATION**



1 Choose words from the box to complete the sentences about Aarhus and Curitiba.



bicycle bus cars on foot taxi



a. In Denmark, it is very common to use a  to move around the city.  
b. Using a  is very expensive in Aarhus.  
c. Cities around the world copy Curitiba's  system.  
d.  are considered the main traffic problem nowadays.  
e. Aarhus is a very safe city, so, you can go many places .

2 The following words were extracted from the texts in *Dig Into Reading* and *Listen Up!* sections. Name the following means of transportation. Then listen to the audio and check your answers.

bicycle / bike bus car subway taxi train

a.   Salvador, Bahia

c.   Rosário do Limeira, Minas Gerais.

e.   Belém, Pará.

1 Caso os alunos tenham dúvida em relação ao termo *on foot*, solicitar que o busquem em um dicionário.

**ATIVIDADE COMPLEMENTAR**

A fim de complementar o trabalho com os meios de transporte apresentados na seção *Words in Action*, é possível solicitar aos alunos que entrevistem adultos de sua convivência (familiares, vizinhos, amigos da família etc.), diagnosticando quais são os meios de transporte mais utilizados por essas pessoas. Depois, os alunos podem organizar cartazes, nos quais apareçam gráficos com os meios de transporte mais usados pelas pessoas entrevistadas. O projeto pode ser desenvolvido em parceria com o professor de Matemática, que pode orientar os alunos na utilização dos cálculos de porcentagem e na elaboração dos gráficos. Por fim, é possível organizar um quadro total em que...

PEREIRA *et al.*, 2018, p. 25

Como podemos perceber no trecho extraído do livro, há um empenho a fim de que os discentes façam um trabalho de associação dos termos em inglês com as imagens apresentadas.

Nesse quesito vemos uma importante abordagem, pois o livro busca fazer a inserção do aluno sem estar ocorrendo mediação com a língua materna deles, o que

caracteriza uma escolha pela abordagem do método direto, o que auxilia numa melhor apreensão cognitiva por parte dos alunos em relação à significação às palavras, pois elas não são apresentadas dissociadas de um contexto de uso, mas são mostradas de modo a auxiliar no domínio da língua estudada, como vemos a seguir:

Pelo método direto, assim compreendido e interpretado, o professor pode preparar o meio adequado [...]. Pela tradução e pela gramática ele agirá apenas sobre o raciocínio, sobre a memória, sobre o pensamento lógico, sem o interesse vital do aluno, impróprio ainda, nessa idade, á sistematização de conhecimentos que lhe é exigida (LEÃO, 1935, p.33)

Após a abordagem destes três aspectos, o conteúdo gramatical também foi abordado dentro do livro. A seção *A look into language* teve seu espaço destinado para apresentação do conteúdo gramatical do verbo existencial do inglês *There to be* e das preposições de lugar.

Vale ressaltar que este conteúdo não aparece descontextualizado de nenhuma das seções anteriores, pois ele é discutido com as temáticas vistas dentro do gênero textual guia turístico e do mapa.

As autoras do livro buscaram construir um conhecimento linguístico em torno do inglês por meio de uma forma contextualizada, assim como preceitua os documentos analisados no início deste trabalho, quando eles enfatizam que um dos objetivos de ensino de Língua Estrangeira Moderna é levar a uma prática pedagógica que faça uso significativo da língua estudada, não realizando, portanto, atividades que se limitem ao exercício de uma prática perpassada por formas linguísticas descontextualizadas.

A penúltima seção da unidade analisada, que tem por título *Put it on paper*, buscou fazer uma ligação entre o eixo leitura e retomou como foco a escrita. Retomando o texto elaborado na parte da primeira seção *Dig into reading*, a obra busca trabalhar dois eixos de forma articulada, considerando habilidades e competências de ambos. A seguir podemos ver, a fim de discussão, algumas das atividades propostas:

**PUT IT ON PAPER**

Na seção *Do Into Reading*, você tem um guia feito para dar aos participantes de uma conferência internacional dicas de como se locomover na cidade onde o evento aconteceu. Agora, você vai produzir um guia semelhante sobre a sua região.

**What?** A guide about transportation in your city.  
**What for?** To tell about transportation in your city.  
**To whom?** Foreign visitors.  
**Where?** In the city websites or leaflets.

- 1 Imagine a family from abroad is visiting your neighbor. The family doesn't speak Portuguese and you need to help them get around town during the day while your neighbors are working and studying. Write a miniguide similar to the Aarhus guide giving information on how to move around.
- 2 With the whole class, make a list of all the transportation options in your city.
- 3 Form in groups and give each one a mode of transportation to write about.
- 4 Research the information about your group's mode of transportation. Read the *Mini Guide to Aarhus* again for ideas or use the items below to help you.
  - Prices
  - Safety tips
  - References in town
  - Map
- 5 Exchange texts with another group. When you read the other group's text, help them by answering the questions below.
  - Is the text clear? If parts are not clear, underline

**Think it OVER**

PEREIRA *et al.*, 2018, p. 25

A escolha do eixo da leitura como ponto articulador dos outros eixos, demonstra uma escolha perspicaz que o livro apresenta em seu conteúdo, principalmente quando consideramos o que assegura Falcão e Spinillo (2003) quando eles afirmam que o uso da compreensão textual se faz constante em todas as áreas do conhecimento, haja vista que eles são, por excelência, de natureza linguística, bem como cognitiva, possibilitando, assim, uma aproximação dos objetos de estudo linguísticos de uma maneira mais significativa.

De acordo com o exercício proposto nesta seção, os discentes são convidados a realizar atividades essencialmente por meio de textos escritos, de modo a realizar as proposições para uma prática de escrita produtiva tendo o que dizer e para quem dizer. Além disso, por meio deste eixo, o livro faz com que o aluno contemple sua própria realidade, bem com realidade de outras partes do mundo, e assim consiga reportar-se sobre elas por meio da escrita na língua estrangeira, o que coaduna com o exposto nos documentos oficiais, bem como com o que é preceituado por teóricos da linguística aplicada, como afirma Kato (1999, p. 91), ao enfatizar que “a escrita é um processo de descoberta, e o ponto de vista e as metas do escritor podem mudar a evolução do ato de escrever, ou seja, o planejamento”.

Na última seção, a coleção *Bridges* traz na unidade 1 o tema *Have your say*, na qual os alunos deverão usar alguns dos gêneros textuais produzidos por eles nos exercícios

anteriores. Desta forma espera-se que ele tenha uma revisão sobre o que foi discutido ao longo de toda unidade. Pode-se ver alguns exercícios desta parte nas imagens abaixo:

**1** Você elaborou um guia sobre os meios de transporte de sua cidade para um visitante estrangeiro. Agora, vai pensar sobre mobilidade sustentável para propor contribuições em sua comunidade para tornar a mobilidade solidária, saudável e acessível.

**1** Read another definition of sustainable mobility and compare it to the one you read in the Tune Into section. What are the similarities and differences?

Sustainable transport system: one that enables individuals and societies to satisfy their needs for access to activity areas in complete safety, in a way that is compatible with the health of mankind and ecosystems [...].

MBHENCY, C. Sustainable Mobility: definitions, concepts, and indicators. Mobile Lives Forum, 3<sup>o</sup> fev. 2013. Disponível em: <http://www.forummobilelives.org/video/2013/02/12/sustainable-mobility-definitions-concepts-and-indicators-622>. Acesso em: 2 jun. 2018.

**2** Now, do a little research on how you and your classmates get to school. In your notebook, make a chart similar to the one below and check the means of transportation they use.

ESTUDANTE (ALUNO)	MEIO DE TRANSPORTE (MEANS OF TRANSPORT)				How do you go to school?
	Andar (Walk)	Bicicleta (Bike)	Ônibus (Bus)	Carro (Car)	
Gui	✓				By bus. And you? I go by bike.
Ana			✓		
Vitor		✓			
Tomás				✓	

**3** Analyze the answers and think of how you can make your trip more sustainable. Use the questions below if you need help or write others. *Respostas pessoais.*

- If you are walking, biking, or taking public transportation, do you go alone or with friends?
- If someone brings you to school by car, can he/she give a ride to your friends? Or can you use a

PEREIRA *et al.*, 2018, p. 31

Neste tópico de revisão, o livro busca contemplar todos os eixos considerados pela BNCC, embora seja constantemente predominante o eixo de escrita e leitura, seja nos exercícios individuais, seja nas atividades que exigem a participação de alunos em grupos. Em uma das tarefas, por exemplo, é pedido que os estudantes escrevam informações sobre transportes públicos e depois passem as informações para outros alunos para que, assim, haja troca de informação a respeito dos transportes escolhidos para descrição deles em língua inglesa.

### 3 CONCLUSÃO

Ao longo desse trabalho buscamos fazer uma análise conjunta entre os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Base Nacional Comum Curricular e uma unidade de um livro didático de língua inglesa, além de levar alguns métodos de ensino do ensino de língua estrangeira como pontos norteadores para nossa reflexão.

Num aspecto geral, podemos dizer que, de fato, o livro cumpre aquilo a que se propõe fazer ao longo do manual do professor. Assuntos relativos aos eixos norteadores da

BNCC são levadas a cunho ao longo de toda a unidade, embora alguns sejam mais enfatizados que outros. Por exemplo, podemos perceber que atividades relativas à escrita e à leitura são mais constantes, sendo elas desenvolvidas por meio de método de leitura, tradicional e, em alguns momentos, pelo método comunicativo.

A respeito do eixo de conhecimentos linguísticos, pudemos notar que ele perpassou todos os demais, porque os autores do livro tiveram o cuidado de usá-lo como eixo transversal aos demais, o que, de fato contribuiu para que haja na obra uma melhor articulação entre os temas e abordagens.

Acerca do contexto gramatical, a presença do conteúdo se fez apenas em um momento, caracterizando-se por apresentar um método tradicional, mas que buscou fazer uma contextualização com competências linguísticas como a textual, interpretativa, etc.

O único eixo que não chegou a ter uma abordagem completa foi o da oralidade. Pudemos notar que além de ter um menor espaço nas páginas de atividades propostas, vemos que a obra costuma sempre usar a leitura de textos escritos, bem como o uso da escrita ou leitura como mote para desenvolvimento de tarefas que num primeiro momento deveriam conter a competência oral como principal objetivo a ser alcançado.

Vale considerar, no entanto, que esta lacuna da obra não aparece fortuitamente, haja vista que a oralidade é uma das competências linguísticas de mais difícil execução nas escolas em geral, e principalmente nas aulas de língua estrangeira, como vemos em Silva (2011), ao enfatizar que: “as escolas regulares alimentam a ideologia da não relevância do ensino da oralidade nas escolas, devido às dificuldades espaciais e a falta de recursos didáticos, em que tais aspectos configuram situações de impossibilidade total ou parcial.” (SILVA, 2011, p. 96).

O uso das diferentes abordagens de ensino para o inglês se mostrou como ferramentas que podem ser usadas nos diferentes eixos, desde que se considere qual delas atende de melhor maneira as competências e habilidades que desejam ser atingidas. Como exemplo disso, notamos o uso do método direto em algumas situações de leitura e escrita; o uso da abordagem comunicativa na leitura e na oralidade, etc.

Por meio da análise dessa unidade, pudemos perceber que de fato as parametrizações e estrutura da BNCC já se fazem presente no livro didático, de forma a reestruturar o ensino dos diversos componentes curriculares, e em especial, vimos isso em relação ao ensino do inglês.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua estrangeira**. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: abr. 2020.

COSTA, Rosemeire P. G. M. da – **Considerações sobre Aprendizagem / Aquisição de L2**. Artigo publicado em 24/03/2008, no site <http://www.webartigos.com/articles/4970/1/Aquisicao-De-Linguas/pagina1.html>. Acesso em 14/ 04/ 2020.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: papirus. 1989.

ELLIS, R. **Second Language Acquisition: Oxford introduction to Language Study**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

KATO, Mary Aizawa. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

KRASHEN, Stephen D. **Principles and Practice in Second language Acquisition**. Prentice - Hall International, 1987.

LEÃO. A. Carneiro. **O ensino das línguas vivas: seu valor, sua orientação científica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1995.

OLIVEIRA e PAIVA, V. L. M. (Org.). **O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia**. In: LIMA, D.C. (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 31-38.

OLIVEIRA, S. **Texto visual e leitura crítica: o dito, o omitido, o sugerido**. *Linguagem & Ensino*, v. 9, n. 1, p. 15-39, 2006.

PEREIRA, Carolina de J; et all. **Inglês: Bridges**, 7º ano. 1. ed. São Paulo: FTD, 2018.

SILVA, Maria. **Dificuldades no Ensino da oralidade em aulas de língua inglesa**. Campina Grande: Fronteira digital, 2011.